São Paulo 17-12-1913



# UBIRAJARA

---

## LENDA TUPY

TYP. DA EMPR. LITTERARIA E TYPOGR.
(Officinas movidas a electricidade)
R. Elias Garcia, 184 PORTO MCMXIII

8

JOSÉ DE ALENCAR

# UBIRAJARA

LENDA TUPY

S. PAULO
C. TEIXEIRA & C.a — EDITORES
8—RUA DE S. JOÃO—8
1913

# I

# O CAÇADOR

# UBIRAJARA

Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o joven caçador.

O arco pende-lhe ao hombro, esquecido e inutil. As flechas dormem no coldre da niraçaba.

Ora veados saltam das moitas de ubaia e vem retouçar na gramma, zombando do caçador.

Jaguarê não vê o timido campeiro, seus olhos buscam um inimigo capaz de resistir-lhe ao braço robusto.

O rugido do jaguar abala a floresta; mas o caçador tambem despreza o jaguar, que já cansou de vencer.

Elle chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fogem espavoridos quando de longe o presentem.

Não é esse o inimigo que procura, porém outro mais terrivel, para vencel-o em combate de morte e ganhar nome de guerra.

Jaguarê chegou á idade em que o mancebo troca a fama do caçador pela gloria do guerreiro.

Para ser acclamado guerreiro por sua nação é preciso que o joven caçador conquiste esse titulo por uma grande façanha.

Por isso deixou a taba dos seus e a presença de Jandyra, a virgem formosa que lhe guarda o seio de esposa.

Mas o sol tres vezes guiou o passo rapido do caçador atravez das campinas e tres vezes, como agora, deitou-se além nas montanhas do Aratuba, sem mostrar-lhe um inimigo digno de seu valor.

A sombra vae descendo da serra pelo valle e a tristeza cáe da fronte sobre a face de Jaguarê.

O joven caçador empunha a lança de duas pontas, feita da roxa craúba, mais rija que o ferro.

Nenhum guerreiro brandiu jamais essa arma terrivel, que sua mão primeiro fabricou.

Lá estaca o joven caçador no meio da campina. Volvendo ao céo o olhar torvo e iracundo, solta ainda uma vez seu grito de guerra.

O bramido rolou pela amplidão da matta e foi morrer longe nas cavernas da montanha.

Respondeu o ronco da sucury na madre do rio e o urro do tigre escondido na furna; mas outro grito de guerra não acudiu ao desafio do caçador.

Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além, no grosso tronco da emburana.

A copa frondosa ramalhou, como as palmas do coqueiro ao sôpro do vento e o tronco gemeu até á raiz.

O caçador repousa á sombra de sua lança.

---

Salta uma corça da matta e veloz atravessa a campina.

Mais veloz a persegue gentil caçadora com a setta embebida no arco flexivel.

Ergue-se Jaguarê.

Seu olhar ardente voou, soffrego de encontrar o inimigo que lhe tardava.

Avistando uma mulher, a alegria do mancebo apagou-se no rosto sombrio.

Pela facha, côr de ouro, tecida das pennas do tucano, Jaguarê conheceu que era uma filha da valente nação dos tocantins, senhora do grande rio, cujas margens elle pisava.

A liga vermelha que cingia a perna esbelta da estrangeira dizia que nenhum guerreiro jamais possuira a virgem formosa.

A corça veiu cahir aos pés de Jaguarê, atravessada pela flecha certeira da joven caçadora que a seguia de perto.

A virgem reconheceu o cocar da nação que na ultima lua chegára aos campos do Taary e da qual os pagés tinham dado noticia.

— Guerreiro araguaya, pois vejo pela penna vermelha de teu cocar que pertences a essa nação valente, si pisas os campos dos tocantins como hospede, bem vindo sejas; mas si vens como inimigo, foge, para que tua mãi não chore a morte de seu filho e tenha quem a proteja na velhice.

— Virgem dos tocantins, Jaguarê já sol-

tou seu grito de guerra. Elle pisa os campos de teus pais, como senhor. Tu és sua prisioneira. Não que vencer a corça timida seja gloria para o caçador; mas tu chamarás o inimigo que elle espera.

— Si o veado te der a sua ligeireza, joven guerreiro, ella não te servirá senão para vêr o rasto de meu pé antes que o vento o apague.

A linda caçadora desferiu a corrida pela immensa campina. Apóz ella se arremessou Jaguarê, que muitas vezes vencêra o tapyr.

Mas a virgem dos tocantins corria como a nandú no deserto e o caçador conheceu que seu braço nunca poderia alcançal-a.

Travou do arco e o brandiu. A setta obedeceu-lhe, pregando no tronco do assahy a facha que fluctuava ao sopro do vento.

— A filha dos tocantins tem no pé as azas do beija-flôr; mas a setta de Jaguarê vôa como o gavião. Não te assustes, virgem das florestas; tua formosura venceu o impeto de meu braço e apagou a colera no coração feroz do caçador. Feliz o guerreiro que te possuir.

— Eu sou Aracy, a estrella do dia, filha de Itaquê, pai da grande nação tocantim. Cem dos melhores guerreiros o servem em sua cabana para merecer que elle o escolha por filho. O mais forte e valente me terá por esposa. Vem commigo, guerreiro araguaya, excede os outros no trabalho e na constancia e tu romperás a liga de Aracy na proxima lua do amor.

— Não, filha do sol; Jaguarê não deixou a taba de seus pais, onde Jandyra lhe guarda o seio de esposa, para ser escravo da virgem. Elle vem combater e ganhar um nome de guerra que encha de orgulho a sua nação. Torna á taba dos tocantins e dize aos cem guerreiros captivos de teu amor que Jaguarê, o mais destemido dos caçadores araguayas, os desafia ao combate.

— Aracy vae, pois assim o queres. Si fôres vencido, ella guardará tua lembrança, pois nunca seus olhos viram mais bello caçador. Si fores vencedor, será uma alegria para a virgem do sol pertencer ao mais valente dos guerreiros.

A virgem disse e desappareceu na selva.

Os olhos de Jaguarê seguiram o passo ligeiro da formosa caçadora, como o guachimim que rasteja a zabelê.

Quando ella desappareceu, o joven caçador recostou-se ao tronco da emburana e esperou.

---

Do outro lado da campina assoma um guerreiro.

Tem na cabeça o kanitar das plumas de tocano e no punho do tacape uma franja das mesmas pennas.

E' um guerreiro tocantim. De longe avistou Jaguarê e reconheceu o pennacho vermelho dos araguayas.

As duas nações não estão em guerra, mas sem quebra de fé póde um guerreiro, cansado do longo repouso, offerecer a outro guerreiro combate leal.

Quando o tocantim armou o arco, Jaguarê já tinha brandido o seu e disparado no ar uma setta, mensageira do desafio.

Respondeu o guerreiro disparando tambem uma flecha no ar, para dizer que aceitava o combate.

Então os dois campeões caminharam um para o outro com passo grave e pararam, frente a frente.

— Eu sou Jaguarê, filho de Camacan, chefe da valente nação dos araguayas, que vem de longe em busca da terra de seus pais. Minha fama corre as tabas e tu já deves conhecer o maior caçador das florestas. Mas Jaguarê despreza a fama do caçador; elle quer um nome de guerra, que diga ás nações a força de seu braço e faça tremer aos mais bravos. Si tua nação te acclamou forte entre os fortes, prepara-te para morrer; sinão, passa teu caminho, guerreiro vil, para que o sangue do fraco não manche o tacape virgem de Jaguarê.

— O caraiba guiou teu passo ao encontro de Pojucan, o matador de gente, guerreiro chefe da terrivel nação tocantim, que enche de terror as outras nações. Ha tres luas, desde que fugiram espavoridos os barbaros Tapuyas, que Pojucan não combate; e seu tacape tem fome do inimigo. Tu não és digno dos golpes de um guerreiro chefe; mas Pojucan se compadece de tua mocidade e consente

em combater comtigo. Terás a gloria de ser morto pelo mais valente guerreiro tocantim. Os cantores de meus feitos lembrarão teu nome; e todos os mancebos de tua nação invejarão tua sorte.

— Jaguarê agradece a Tupan que te fez um grande guerreiro e o chefe mais feroz da grande nação tocantim, Pojucan, matador de gente. A tua morte será a primeira façanha do caçador araguaya e lhe dará um nome de guerra que se torne o espanto dos teus e o terror das outras nações.

Os dois campeões recuaram passo a passo até que se acharam a um tiro de arco.

Então soltaram o grito de guerra e se arremessaram um contra o outro, brandindo o tacape.

---

Os tacapes toparam no ar e os dois guerreiros rodaram como as torrentes impetuosas no remoinho da Itaoca.

Dez vezes as clavas bateram e dez vezes volveram para bater de novo.

Os animaes que passavam na floresta fugiram espavoridos, como si a borrasca ribombasse no céo.

Ainda uma vez encontraram-se os dois tacapes e voaram em lascas pelos ares.

— O ubiratan é forte; mas ha outro ubiratan que lhe resiste. Como o braço de Pojucan é que não ha outro braço. Já viste, joven caçador, o veado nas garras da giboia? Assim vais morrer.

— Si tu fosses a cascavel que sómente sabe morder, Jaguarê te esmagaria a cabeça com o pé e seguiria seu caminho. Mas tu és a giboia feroz e Jaguarê gosta de estrangular a giboia. Não morrerás pelo pé, mas pela mão do caçador. Lança teu bote, guerreiro tocantim.

Pojucan estendeu os braços e estreitou os rins de Jaguarê, que por sua vez cingiu os lombos do guerreiro.

Cada um dos campeões poz na luta todas as suas forças, bastantes para arrancar o tronco mais robusto da matta.

Ambos, porém, ficaram immoveis. Eram dois jatobás que nasceram juntos e entre-

laçaram os galhos, ligando-se no mesmo tronco.

Nada os desprende; nada os abala. O tufão passa bramindo sem agital-os; e elles permanecem quedos pelo volver dos tempos.

Um pagé que passou na orla da matta viu os lutadores e esconjurou-os, pensando que eram almas de dois guerreiros presos no abraço da morte.

Já a sombra se desdobrava pelo valle fóra e o sol despedia-se dos cimos dos montes, sem que os campeões se movessem.

Por fim affrouxaram os braços e cada lutador recuou para contemplar seu adversario. Nenhum mostrava no rosto sombra de fadiga.

Conheceram que podiam lutar corpo a corpo a noite inteira, sem que um prostrasse o outro.

— Tu és igual na valentia e na força ao guerreiro chefe da nação tocantim. Mas Pojucan não consente que haja na terra quem resista a seu braço. É preciso que tu morras, Jaguarê, para que elle seja o primeiro dos guerreiros que o sol allumia.

— Pojucan, matador de gente, guerreiro feroz da nação tocantim, Jaguarê deixou-te viver até este momento para saber si tu eras digno de dar-lhe um nome de guerra. Agora que te conhece como o primeiro dos guerreiros que existiram até este momento, elle quer que tua derrota seja a sua primeira façanha.

Disse e arrancando do tronco da emburana a lança de duas pontas caminhou outra vez para Pojucan.

— Esta arma que tu vês é a lança de duas pontas. Jaguarê fabricou-a do rijo galho da craúba, endurecido pelo fogo. Sua mão foi a primeira que a arremessou e teu corpo é o primeiro cujo sangue ella vae beber. Empunha a lança de duas pontas, guerreiro chefe, e ataca Jaguarê para receberes a morte dos valentes.

---

Pojucan repelliu a lança que o joven caçador lhe apresentára.

— Jamais no combate um guerreiro to-

cantim atacará seu adversario desarmado; nem Pojucan precisa da lança. Ataca tu, Jaguarê, que não tens confiança em teu braço; o de Pojucan basta para te prostrar.

— O orgulho te cega, guerreiro chefe. A lança conhece Jaguarê que a inventou e lhe obedece como o arpão á corda do pescador. Aperta-a bem em tua mão robusta e Jaguarê estará duas vezes mais armado do que tu, que não sabes manejal-a.

O chefe tocantim cruzou os braços.

— Toma a lança, Pojucan, si não queres que te chame covarde; pois tu sabes que Jaguarê não te matará desarmado, mas te abandonará como indigno de combater com o filho do maior guerreiro araguaya, o grande Camacan.

O chefe tocantim arrojou-se contra Jaguarê, que travou-lhe dos pulsos, e outra vez os dois campeões ficaram immoveis.

A noite veiu achal-os na mesma posição.

Tres vezes cessaram a luta e de novo a travaram. Mas, afinal, se convenceram de que nenhum derrubaria o outro.

Então Pojucan disse:

*

— Guerreiro araguaya, é preciso acabar o combate. A terra não chega para dois guerreiros como nós. Finca no chão a lança e caminhemos até á margem do rio. Aquelle que primeiro chegar, será o senhor da lança e da vida do outro.

Assim fizeram os dois campeões. Chegados á margem do rio, dispararam a corrida. Ao mesmo tempo a mão de ambos tocou a haste da lança; mas Jaguarê, arremessado pelo impeto da desfilada, não pôde arrancar a arma que ficou na mão de Pojucan.

---

O guerreiro chefe enrista desdenhosamente a lança e caminha para Jaguarê.

Não vai como o guerreiro que marcha ao combate, mas como o matador que se prepara para immolar a victima.

— Guerreiro chefe, Jaguarê não te quer matar como a serpente que ataca o descuidado caçador. Dez vezes já si quizesse elle te houvera ferido com tua propria mão.

— Abandona a gloria do guerreiro, que

não é para ti, nhengahiba. Pojucan te concederá a vida e te levará captivo á taba dos tocantins para que tu cantes as suas façanhas na festa dos guerreiros.

— Captivo serás tu, mas não para cantar os feitos dos guerreiros. Tu servirás na taba dos araguayas para ajudar as velhas a varrer a oca.

Arremessou-se Pojucan avante e desfechou o golpe; mas a lança rodára e foi o chefe tocantim que recebeu no peito a ponta farpada.

Quando o corpo robusto de Pojucan tombava, cravado pelo dardo, Jaguarê dum salto calcou a mão direita sobre o hombro esquerdo do vencido, e, brandindo a arma sangrenta, soltou o grito do triumpho :

— Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencivel que tem por arma a serpente. Reconhece o teu vencedor, Pojucan, e proclama o primeiro dos guerreiros, pois te venceu a ti, o maior guerreiro que existiu antes delle.

— Si meu valor, que serviu para augmentar a tua fama, merece de ti uma graça, não

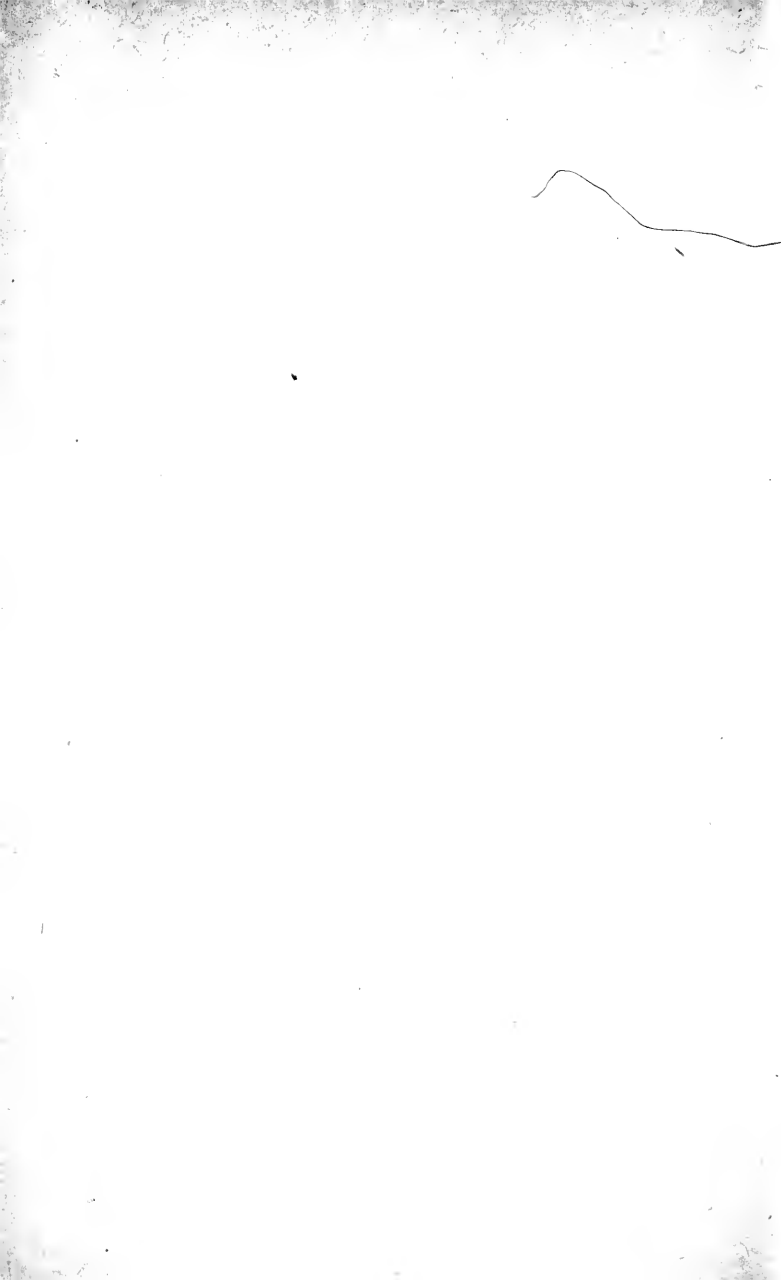
deixes que Pojucan soffra mais um instante a vergonha de sua derrota.

— Não, chefe tocantim. Tu me acompanharás á taba dos araguayas para narrar meu valor. A fama de Jaguarê precisa de um prisioneiro como o grande Pojucan na festa da victoria.

— Tu és cruel, guerreiro da lança; mas fica certo de que si tua arma traiçoeira feriu-me o peito, o supplicio não vencerá a constancia do varão tocantim, que sabe affrontar as iras de Tupan e desprezar a vingança dos araguyas.

---

# II

# O GUERREIRO

Retumba a festa na taba dos araguayas.

As fogueiras circulam a vasta ocara e derramam no seio da noite escura as chammas da alegria.

Toda a tarde o troçano reboou chamando os guerreiros das outras tabas á grande taba do chefe.

Era a festa guerreira de Jaguarê, filho de Camacan, o maior chefe dos araguayas.

No fundo da ocara preside o conselho dos anciãos, que decide da paz ou da guerra e governa a valente nação.

Os anciãos sentados no longo giráo contemplam taciturnos a geração de guerreiros que elles ensinaram a combater e têm saudades da passada gloria.

Suspenso em frente delles está o grande

arco da nação araguaya, ornado nas pontas, das pennas vermelhas da arara.

E' a insignia do chefe dos guerreiros, a qual Camacan, pai de Jaguarê, conquistou na mocidade e ainda a conserva, pois ninguem ousa disputal-a.

Eil-o, o velho chefe, embaixo do arco, que sua mão tantas vezes brandiu na guerra. Em pé, arrimado ao invencivel tacape, elle dirige a festa.

De um e outro lado da vasta ocara, está a multidão dos guerreiros, collocados por sua ordem; primeiro, os chefes das tabas; depois, os varões; por ultimo, os moços guerreiros.

Vêm depois os jovens caçadores que já deixaram a oca materna e estão impacientes de ganhar por suas proezas a honra de serem admittidos entre os guerreiros.

Mas para isso têm de passar pelas provas, e sua juventude não lhes consente ainda a robustez, que tamanho esforço demanda.

Todos invejam a gloria de Jaguarê, que hontem era o primeiro entre elles e hoje ali está disputando a fama aos mais valentes guerreiros.

Por detraz da estacada apinham-se as mulheres, que, segundo o rito patrio, não pódem ser admittidas nas festas guerreiras.

De longe acompanham silenciosas, com os olhos, as velhas aos filhos, as esposas aos seus guerreiros e as virgens aos noivos.

Exultam quando ouvem celebrar as façanhas dos seus; mas não ousam murmurar uma palavra.

Entre ellas está Jandyra, a doce virgem, cujos negros olhos não se cançam de admirar Jaguarê, seu futuro senhor.

Já lhe tarda o momento de ver acclamar guerreiro ao joven caçador, para ter a felicidade de servil-o como escrava na paz e acompanhal-o como esposa ao combate.

No centro da ocara ergue-se Jaguarê.

Defronte delle, Pojucan, no corpo que a ferida não abateu, mostra a grande alma, serena em face dos inimigos.

Camacan troou a inubia para ordenar silencio e o filho começou:

— Guerreiros araguayas, ouvi a minha historia de guerra.

«Depois que Jaguarê soffreu as provas

do valor, partiu para conquistar um nome famoso.

«Deixando a taba, viu o falcão negro que despedia o vôo para as aguas sem fim e Jaguarê disse :

«O falcão negro é o valente guerreiro dos ares ; elle será a fama do guerreiro araguaya que atravessará as nuvens e subirá ao céo.

«Então Jaguarê marcou o vôo do falcão negro e seguiu por elle.

«O sol despediu-se e voltou, uma, duas, tres vezes. No ultimo sol, Jaguarê encontrou um guerreiro da nação tocantim, senhora do grande rio.

«Guerreiros araguayas, quereis saber qual foi o campeão que Tupan enviou a Jaguarê para dar-lhe o nome de guerra?

«Elle ahi está diante de vós.

«E' o grande Pojucan, o feroz matador de gente, chefe da tribu mais valente da poderosa nação dos tocantins, senhores do grande rio.

«Vós, que o tendes aqui presente, vêde como é terrivel o seu aspecto, mas só eu

que o pelejei conheço o seu valor no combate.

«O tacape em sua mão possante é como o tronco do ubiratan que brotou no rochedo e cresceu.

«Jaguarê, que arranca da terra o cedro gigante, não o pôde arrancar de sua mão e foi obrigado a despedaçal-o.

«Os braços de Pojucan, quando elle os estende na luta, não ha quem os vergue; são dois penedos que saem da terra.

«Seu corpo é a serra que se levanta no valle. Nenhum homem, nem mesmo Camacan, o póde abalar.

«Pojucan era o varão mais forte e o mais valente guerreiro que o sol tinha visto até áquelle momento..

«Foi este, guerreiros araguayas, o heróe que offereceu combate ao filho de Camacan; e Jaguarê aceitou, porque logo conheceu que havia encontrado um inimigo digno de seu valor.

«Elle vos contempla, guerreiros araguayas. Si alguem duvída da palavra de Jaguarê e da

força do guerreiro tocantim, chame-o a combate e saberá quem é Pojucan».

O chefe tocantim lançou um olhar ameaçador á multidão dos guerreiros; mas nenhum ousou aceitar o desafio.

---

Pojucan alçou a mão em signal de que desejava falar; todos escutaram com respeito o heróe, ainda maior na desgraça.

— Guerreiros araguayas, ouvi a voz de Pojucan, vosso inimigo, que affronta as iras dos fortes e despreza a vingança dos fracos.

«Pojucan, guerreiro chefe da grande nação tocantim, jamais encontrou guerreiro que resistisse á força de seu braço invencivel.

«Mas Tupan, cançado de ouvir celebrar em todas as festas o nome de Pojucan, como vencedor, emprestou sua força a Jaguarê, o maior guerreiro que já pisou a terra.

«Eu, que senti o impeto de sua coragem, posso dizer-vos que só o sangue tocantim é capaz de gerar um guerreiro tão poderoso.

«Foi alguma virgem araguaya que, vagando pela floresta, encontrou Pojucan e

trouxe no seio fecundo a alma do grande guerreiro.

«Seu braço é como o corisco do céo e a sua força como a tempestade que desce das nuvens».

Calou-se Pojucan e Jaguarê continuou o seu canto de guerra:

«Quando a sombra começava a descer da crista da montanha, Pojucan e Jaguarê caminharam um contra o outro.

«Toda a noite combateram. O sol nascendo veiu achal-os ainda na peleja, como os deixára: nem vencidos, nem vencedores.

«Conheceram que eram os dois maiores guerreiros, na fortaleza do corpo e na destreza das armas.

«Mas nenhum consentia que houvesse na terra outro guerreiro igual; pois ambos queriam ser o primeiro.

«Foi então que o chefe tocantim ganhou na corrida a lança de duas pontas, que Jaguarê havia fabricado.

«Tres vezes seu punho robusto a brandiu e tres vezes ella escapou-lhe da mão, como a serpente das garras do gavião.

«Mais uma vez o grande guerreiro investiu com o bote armado; e a lança, escrava de Jaguarê, cravou o peito do inimigo.

«Elle caiu, o guerreiro chefe, o grande varão dos tocantins, o valente dos valentes, Pojucan, o feroz matador de gente.

«E Jaguarê, brandindo a arma da victoria, bradou:

«Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, que venceu o primeiro guerreiro dos guerreiros de Tupan.

— Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro terrivel que tem por arma uma serpente».

---

O trocano ribombou, derramando longe, pela amplidão dos valles e pelos echos das montanhas, a pocema do triumpho.

Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo.

Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o immenso rumor, clamando:

— Tu és Ubirajara, o senhor da lança,

o vencedor de Pojucan, o maior guerreiro da nação tocantim.

« Os guerreiros araguayas te recebem por seu irmão nas armas e te acclamam forte entre os fortes.

« Os cantores celebrarão teu nome como o dos mais famosos da nação araguaya; e Camacan terá a gloria de chamar-se pai de Ubirajara; como foi gloria para Jaguarê ser filho de Camacan. »

Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacan, o grande chefe dos araguayas.

De um salto o ancião alcançou o arco da nação, insignia do chefe na guerra, e caminhou para Ubirajara.

O arco era de ubiratan, grosso como o braço do mais robusto guerreiro; a corda trançada de crautá tinha o corpo do dedo que a brandia.

Os mais possantes varões da nação araguaya a custo empunhavam o grande arco; mas só um tinha força para disparar a setta.

Era Camacan, o chefe dos chefes, que dirigia na guerra os guerreiros araguayas.

Assim falou o ancião:

— Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaya, que deve estar na mão do mais possante. Camacan o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanan, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apezar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe, que não soffresse logo o castigo de sua audacia. Mas Tupan ordena que o ancião se curve para terra até desabar como o tronco carcomido e que o mancebo se eleve para o céo como a arvore altaneira. Camacan revive em ti; a gloria de ser o maior guerreiro cresce com a gloria de ter gerado um guerreiro ainda maior do que elle.

---

Ubirajara tomou o arco que lhe apresentava o pai e disse:

— Camacan, tu és o primeiro guerreiro e o maior chefe da nação araguaya. Para a

gloria de Jaguarê, bastava que elle se mostrasse teu filho no valor, como é teu filho no sangue. Mas o grande arco da nação araguaya, Ubirajara não o recebe de ti e nenhum outro guerreiro, pois o ha de conquistar pela sua pujança.

Disse, e arremessando no meio da ocara o grande arco, bradou:

— O guerreiro que ouse empunhar o grande arco da nação araguaya, venha disputal-o a Ubirajara.

Nenhuma voz se ergueu; nenhum campeão avançou o passo.

O troncano reboou de novo, e, no meio da pocema do triumpho, a multidão dos guerreiros proclamou:

Ubirajara, senhor da lança, tu és o mais forte dos guerreiros araguayas; empunha o arco chefe.

Então Ubirajara levantou o grande arco e a corda zuniu como o vento na floresta.

Era a primeira setta, mensageira do chefe, que levava ás nuvens a fama de Ubirajara.

Os cantores exaltaram a gloria dos dois chefes; a do velho Camacan, que trocára a

arma do guerreiro pelo bordão do conselho; e a do joven Ubirajara, que na sua mocidade já se mostrava tão grande, como fôra o pai na robustez dos annos.

Pojucan teve o consolo de ouvir seu nome repetido muitas vezes e louvado a par com o de seu vencedor.

Os cantores celebraram depois os grandes feitos da nação araguaya, desde os tempos remotos em que os progenitores deixaram a grande taba dos Tamoyos, seus avós.

Quando os nhengaçáras entoaram o canto do triumpho, vieram as mulheres com vasos cheios de generoso cauim e apresentaram as taças aos guerreiros.

Jandyra suspirou; ella era virgem, e, como suas companheiras, não podia apparecer na festa dos guerreiros.

Sentiu não ser já esposa, para ter o orgulho de encher de vinho espumante, por ella fabricado, a taça do seu heróe e senhor.

O guincho agoureiro da inhúma resoava na matta, quando começou a dansa guerreira que durou até o romper da alvorada.

---

# III

# A NOIVA

Ao raiar da luz no céo, Jandyra abriu os lindos olhos negros.

Seu canto foi o primeiro que saudou o nascer do dia e acordou em seu ninho a viuvinha.

A doce filha de Magé saltou da rêde que embalara os sonhos castos da virgem; despediu-se della como o jaçanan que deixa a moita para habitar o ninho do amor.

A virgem tocantim acreditava ter dormido a ultima noite na cabana paterna, que essa manhã ia trocar pela cabana do esposo.

O joven caçador que a amava, Jaguarê, fôra acclamado guerreiro, e entre todos os guerreiros o chefe da nação.

Como guerreiro elle póde tomar uma esposa; e como chefe pertence-lhe a virgem

de sua escolha, entre as mais formosas da taba.

Ainda que a virgem tenha um noivo, ou que o pai a destine a outro, si o chefe a deseja, a vontade de Tupan é que lhe pertença.

Tupan assim ordena para que os grandes chefes possam gerar de seu sangue os mais bellos e valentes guerreiros.

Jaguarê antes de ser acclamado chefe já a tinha escolhido e Jandyra não aceitaria outro noivo sinão o joven caçador a quem amava.

Ella o espera. Logo que o sol allumie a terra, Ubirajara, o grande chefe, ha de vir buscal-a.

Então a virgem se despedirá de Magé; e irá armar na cabana de seu guerreiro e senhor a rêde da esposa.

Ligeira e contente corre a banhar-se no rio antes que chegue Ubirajara, para quem purifica seu corpo e unge-se com o oleo fragrante do sassafraz.

Ella quer que o destemido guerreiro ache seu amor saboroso como o vinho que espuma na taça e ferve nas veias.

Tornando á cabana, perfumou de beijoim

a larga rêde que tecêra dos fios do algodão entrelaçados com as pennas do guará.

Essa rêde tinha duas vezes o tamanho de sua rêde de virgem, porque era a rêde do casamento, em que devia receber o esposo.

Depois arrumou no urú a louça que havia fabricado para o serviço do guerreiro e que devia transportar á sua nova cabana.

Quando terminou todos os preparativos, encostou-se á porta da cabana; seus olhos impacientes chamavam Ubirajara.

Mas o guerreiro não vinha e o sol já tinha subido além da crista da serra.

A luz do dia derramava a alegria pelos campos; e a alegria que lhe afogara os sonhos da noite fugia agora da alma de Jandyra.

Então, a filha de Magé partiu em busca do noivo que a esquecera.

---

No mais escuro da matta vaga o chefe dos araguayas.

Seus olhos fogem á luz do dia e buscam

a sombra, onde encontram a imagem que traz na lembrança.

A' noite, quando o guerreiro dormia em sua rêde solitaria, Aracy, a linda virgem, lhe appareceu em sonho, e lhe falou.

— Jaguarê, joven caçador, tu dormes descansado emquanto os guerreiros tocantins se preparam para roubar a virgem de teus amores. Ergue-te e parte, si não queres chegar tarde.

Elle erguera-se para seguil-a ; mas a virgem formosa desferiu a corrida veloz atravez da campina e desappareceu na floresta.

Neste ponto do sonho o guerreiro acordára.

Uma estrella brilhante listrava o céo, como uma lagrima de fogo, e Ubirajara pensou que era o rasto de Aracy, a filha da luz.

A jurity arrulhou docemente na matta e Ubirajara lembrou-se da voz maviosa da virgem do sol.

O guerreiro tornou á rêde, esperando achar ali outra vez o sonho que visitára sua alma ; porém o somno fugira de seus olhos.

Quando raiou a primeira alvorada, Ubirajara saiu da cabana e buscou no mais espesso da matta a sombra propicia á saudade.

Seu passo o guiava sem querer para as bandas do grande rio, onde devia ficar a taba dos tocantins.

E' assim que os coqueiros, immoveis na praia, inclinam para o nascente seu verde cocar.

Ubirajara ouviu o rumor de um passo ligeiro atravez da matta; de longe conheceu Jandyra que o procurava.

A doce virgem achara á porta da cabana o rasto do guerreiro e o seguira atravez da floresta.

—Que mau sonho afflige Ubirajara, o senhor da lança e o maior dos guerreiros, chefe da grande nação araguaya, para que elle se afaste de sua taba e esqueça a noiva que o espera?

—A tristeza entrou no coração de Ubirajara, que não sabe mais dizer-te palavras de alegria, linda virgem.

—A tristeza é amarga; quando entra no coração do guerreiro o enche de fel. Mas

Jandyra fará como sua irmã, a abelha, ella fabricará em seus labios os favos mais doces para seu guerreiro; suas palavras serão os fios de mel que ella derramará na alma do esposo.

— Filha de Magé, doce virgem, ainda não chegou o dia em que Ubirajara escolha uma esposa; nem elle sabe ainda qual o seio que Tupan destinou para gerar o primeiro filho do grande chefe dos araguayas.

---

O labio de Jandyra emmudeceu; mas o peito soluçou.

A virgem conheceu que o amor de Ubirajara retirava-se della e que de todo o perderia si o não defendesse.

Então escondeu a dôr no fundo d'alma e chamou o riso a seus labios, a alegria a seus olhos.

Ella sabia que os guerreiros amam a flôr da formosura, como a folhagem da arvore; e que a tristeza murcha a graça da mais linda virgem.

— Chefe dos araguayas, Ubirajara, não desprezes Jandyra que outr'ora escolheste para tua noiva. Si então ella era formosa a teus olhos, mais formosa se fará para merecer teu amor. Tu gostavas de seus cabellos negros que arrastam no chão; ella os entrançará com as plumas vermelhas do guará para que te pareçam mais bonitos. Seus olhos negros que te falavam, ella os cercará de uma listra amarella como os olhos da jaçanan. Sua boca, que ainda não provaste, Jandyra a encherá de amor para que bebas nella o contentamento.

Jandyra esperou a palavra de Ubirajara; mas os labios mudos do guerreiro não se abriram.

— Teu amor, Ubirajara, ficará em meu seio como a flôr no valle. Jandyra te dará muitos filhos e todos dignos de teu valor. Nestes peitos que te pertencem, ella os nutrirá com seu sangue, não menos guerreiro do que o teu; porque é o sangue de Magé, o maior dos anciãos, depois de Camacan. Seus braços, que outr'ora querias para tua cintura, não servirão unicamente para te abraçarem,

mas tambem para te servirem. Tua esposa te acompanhará por toda a parte: na taba, como no campo do combate; ella cuidará de tua cabana; apromptará as mais saborosas iguarias para seu guerreiro e fabricará para elle o vinho, que é a alma da festa.

— Jandyra é a mais bella das virgens araguayas. Seu amor fará a ventura de um guerreiro valente. Ubirajara não podia achar para si uma esposa mais fiel; nem para seus filhos outra mãi tão fecunda. Mas a noite desceu em sua alma. Só a estrella do dia póde restituir-lhe a alegria que o abandonou. A filha de Magé merece um guerreiro que tenha olhos para a sua formosura.

---

Pojucan sentou-se pensativo á porta da cabana.

O semblante, sempre grave, como convem a um chefe, cobre-se de tristeza.

A noite que foge da terra, vencida pelo

sol, parece recolher-se n'alma do chefe tocantim.

Não é sua ferida que o faz soffrer. O balsamo suave da embaiba sara rapidamente os golpes mais profundos; e os varões tocantins aprendem desde o berço a desprezar a dôr.

E' em seu coração de guerreiro que Pojucan sente as garras do Anhanga.

O revez de ser vencido e cair prisioneiro, elle supporta como o varão forte que viu prostrados por Aresky no campo da batalha os mais terriveis guerreiros.

A grandeza do vencedor o consola; resta-lhe ainda a gloria de ter resistido a um braço, como o de Ubirajara, grande chefe dos araguayas.

Mas elle esperava que, depois de haver ornado com sua presença a festa do triumpho, o vencedor fosse generoso e lhe concedesse a honra do sacrificio.

É o temor de que Ubirajara lhe recuse uma morte gloriosa e o retenha captivo, que nesse momento acabrunha o chefe dos tocantins.

Elle, um guerreiro livre que pisára outr'-ora como senhor aquelles campos, reduzido á condição de escravo?

Elle, um varão chefe que tinha na obediencia de seu arco mais de mil guerreiros valentes, obrigado a reconhecer um dono?

Elle, que affrontava a colera de Tupan, quando o deus irado rugia do céo, curvar-se ao aceno de um homem, fosse embora o mais pujante dos filhos da terra?

Pojucan estremecia quando se lembrava de que podia ser condemnado a tão grande humilhação.

Em seu terror promovia o passo, com o impeto de fugir para sempre da taba dos araguayas, onde o ameaçava aquella vergonha.

Mas uma força invencivel atava-lhe a vontade. Elle não se pertencia desde o momento em que Ubirajara calcou-lhe a mão direita no hombro.

Esse era o signal da conquista, que prendia o vencido ao vencedor; aquelle que violasse a lei da guerra, perderia para sempre o nobre titulo de guerreiro.

O desprezo do inimigo o acompanharia aos seus nativos; e a taba de seus irmãos não se abriria para o fugitivo que houvesse deshonrado o nome de sua nação.

Por isso, na cabana solitaria, Pojucan está mais guardado do que si o cercasse a multidão dos guerreiros araguayas.

Véla elle proprio em si, porque véla em sua fama.

Póde Ubirajara esquecel-o que na volta o encontrará ali onde o deixou.

Nada o arrancará da cabana; nem a necessidade de buscar o alimento para o corpo.

Bem vinda será a fome, si durar tanto que prostre seu corpo robusto e o entregue ao seio da terra, onde o guerreiro dorme o somno da gloria.

Além rompe da selva Ubirajara, que se encaminha para a cabana com o passo rapido.

Segue-o de perto Jandyra, como a gentil corça acompanha o caçador, que lhe rouba o companheiro.

Descobrindo o chefe dos araguayas, Pojucan encerrou a tristeza dentro de sua alma

e chamou ao rosto a altivez dos grandes guerreiros.

O chefe tocantim não queria que seu vencedor se regozijasse de ter-lhe abatido o animo inflexivel.

---

Quando Ubirajara approximou-se da cabana, Pojucan tomou-lhe o passo.

— Ubirajara, senhor da lança, grande chefe da nação araguaya, não confessaste tu diante dos anciões das tabas e de todos os teus guerreiros que Pojucan era o varão mais forte e mais terrivel no combate que o sol tinha visto até o momento de ser vencido por ti?

— Ubirajara o disse. E' a voz da nação araguaya.

— Desde que tu cruzaste commigo a setta do desafio até este momento, Pojucan, guerreiro varão, e chefe de uma taba, na valente nação dos tocantins, mostrou-se pela sua constancia e valor digno do sangue de seus avós?

— Pojucan o disse e a fama o repete.

— Então por que Ubirajara, o grande chefe dos araguayas, não concede a Pojucan a morte gloriosa, que os tocantins jamais recusaram a um guerreiro valente, e que sómente se nega aos fracos? Já não serviu Pojucan á tua gloria na festa do triumpho? Esperas delle que te obedeça como um escravo? Si aviltas o varão, a quem venceste, humilhas o teu valor que elle exaltava.

O grande chefe araguaya ouviu sem interromper o prisioneiro e respondeu com gravidade:

— Ubirajara não recusa ao bravo chefe tocantim, seu terrivel inimigo, o supplicio, que não negaria a qualquer guerreiro valente. Elle esperava que tua ferida se fechasse de todo, para que o grande Pojucan possa no dia do ultimo combate sustentar a fama de seu nome, e gloria de um varão que só foi vencido por Ubirajara.

O grande chefe dos araguayas levou aos labios a inubia de Camacan; a voz do mando reboou pelo vasto ambito da taba.

Appareceram vinte jovens guerreiros, a

quem elle ordenou que chamasse a conselho os anciões.

Depois tornou ao chefe tocantim:

— Os araguayas receberam de seus avós o costume das nações que Tupan creou. Elles destinam ao prisioneiro a mais bella e a mais illustre de todas as virgens da taba, para que ella conserve o sangue generoso do heróe inimigo e augmente a nobreza e o valor de sua nação.

— É esta tambem a lei que os guerreiros tocantins observam em suas tabas.

— A mais bella e mais nobre de todas as virgens araguayas, aquella que se ergue como a palmeira no meio da campina coberta de flôres é Jandyra, a filha de Magé, que tem no seio os doces favos da abelha.

Travando então do pulso de Jandyra, que ali ficára presa de sua vista, levou-a ao prisioneiro.

— Recebe-a como esposa do tumulo.

Jandyra, que ouviu espavorida aquellas palavras, quiz fugir; porém a mão do chefe araguaya a reteve.

— Ubirajara parte, mas elle voltará para

assistir a teu supplicio e vibrar-te o ultimo golpe. Pojucan terá a gloria de morrer pela mão do mais valente guerreiro.

---

Ficaram Jandyra e Pojucan em face um do outro.

— Virgem dos araguayas, Tupan te reservou para esposa do mais terrivel dos inimigos de tua nação. O filho de seu sangue será o mais valente dos guerreiros; tu sentirás orgulho por havel-o gerado em teu seio.

— Pojucan, chefe tocantim, Jandyra nunca será tua esposa.

— Não é Ubirajara o chefe de tua nação e não te destinou elle para servir de noiva do tumulo ao guerreiro que vai morrer no supplicio?

— Ubirajara é o grande chefe da nação araguaya; á sua voz cala-se a palavra dos anciões; a seu gesto curva-se a fronte dos guerreiros; á sua vontade obedecem as tabas. Mas no amor de Jandyra, ninguem manda, nem Tupan. Jandyra é noiva de Ubirajara, e

si elle não quizer aceital-a, o guanumby a levará para os campos alegres onde repousam as virgens, que morreram.

— Pojucan não carece do amor de Jandyra. Nas tabas dos tocantins a mais bella das virgens se regozijaria de pertencer ao mais valente dos chefes e de habitar sua rêde. Nas tabas dos araguayas, onde nascem guerreiros como Ubirajara, não faltarão virgens formosas, que desejem a gloria de ser mãi de um filho de Pojucan.

— Jandyra seria a primeira, si não conhecesse Jaguarê, o mais bello dos jovens caçadores, que é hoje Ubirajara, o senhor da lança e chefe dos chefes. Pojucan merece uma esposa que nunca tenha ouvido o canto de outro guerreiro, para dar-lhe um filho digno delle.

— Os ritos de tua nação não punem a noiva que rejeita o prisioneiro?

— Jandyra sabe que se sujeita á morte; mas a morte é menos cruel do que o abandono.

— Então, foge, virgem dos araguayas; e esconde-te á colera dos anciões. Talvez mais tarde Ubirajara se arrependa e te perdoe.

— Jandyra parte. Ella te deseja uma esposa terna e a morte gloriosa.

A filha de Magé penetrou na floresta e afastou-se rapidamente da taba.

Quando já estava muito longe, sentou-se á sombra de um manacá coberto de flôres e cantou :

— Eu fui Jandyra, a linda abelha, que fabricava os favos de cera para enchel-os de mel saboroso.

« Agora me arrancaram as minhas asas, com que eu voava pela campina, colhendo o pó das flôres e seccou a doçura de meu sorriso.

« O canto que saía de meu seio era como o da patativa ao pôr do sól, quando se recolhe a seu ninho de paina macia.

« Agora eu queria ter no coração uma serpente para morder aquella que me roubou o amor de meu guerreiro.

« Guardei a minha formosura para orgulho do esposo e inveja dos outros guerreiros.

« Agora eu trocaria a flôr do meu rosto por um aspecto terrivel que infundisse pavor.

« Meus seios mais lindos que os botões

do cardo por um peito feroz e as mãos ligeiras que tecem os fios do algodão pelas garras do jaguar.

« Eu fui Jandyra, o manacá viçoso que se vestia de flôres azues e brancas.

«Agora sou como o jussará que perdeu a folha e só tem espinhos para ferir aquelles que se lhe chegam.

---

Os anciões já estavam reunidos, na oca do conselho, quando Ubirajara entrou.

Fallou Camacan:

— Ubirajara, senhor da lança, chefe dos chefes, os pais da grande nação araguaya escutam a tua voz.

O grande chefe tres vezes bateu no chão com a ponta do arco e disse:

— Pojucan, o chefe tocantim, pede a morte do combate; elle a merece, porque é um grande guerreiro e um varão illustre.

Ubirajara concedeu-lhe essa honra, como seu vencedor.

— Ubirajara é um inimigo generoso; respondeu Camacan.

Todos os anciões inclinaram gravemente a cabeça encanecida para exprimirem sua approvação ás palavras de Camacan.

Proseguiu Ubirajara:

— E' tempo de escolher para o prisioneiro uma esposa digna de acompanhar em seus ultimos dias ao heróe inimigo e de ser mãi do marabá, o filho da guerra.

Todos os abarés desejavam para si a gloria de offerecer uma filha ao prisioneiro.

— Ubirajara destinou-lhe Jandyra, filha de Magé. Ella o merece por sua formosura e pelo sangue do grande guerreiro que gira em suas veias.

— Ubirajara é um grande chefe; disse Camacan.

Os anciões approvaram outra vez com a cabeça; Magé accrescentou:

— O sangue do velho Magé não desmintirá em Jandyra a fama da nação araguaya.

— Não! disse Ubirajara e todos os anciões repetiram: — Não!

O grande chefe tornou com a voz pausada:

— Celebrai a cerimonia da entrega da esposa ao prisioneiro. Ubirajara parte; só estará de volta na proxima lua para assistir ao supplicio de Pojucan. Si na ausencia de Ubirajara cair na taba a flecha, nuncia da guerra, conduzi o trocano ao sitio onde se abraçam os grandes rios e soltai a voz da nação araguaya. Nesse dia Ubirajara será comvosco.

Os prudentes anciões, com a cabeça inclinada para melhor ouvir, recebiam as palavras do grande chefe e as guardavam na memoria.

Quando Ubirajara se calou, Camacan repetiu ainda, mais pausado, as recommendações do filho:

— E' esta a vontade de Ubirajara?

— Tu o disseste.

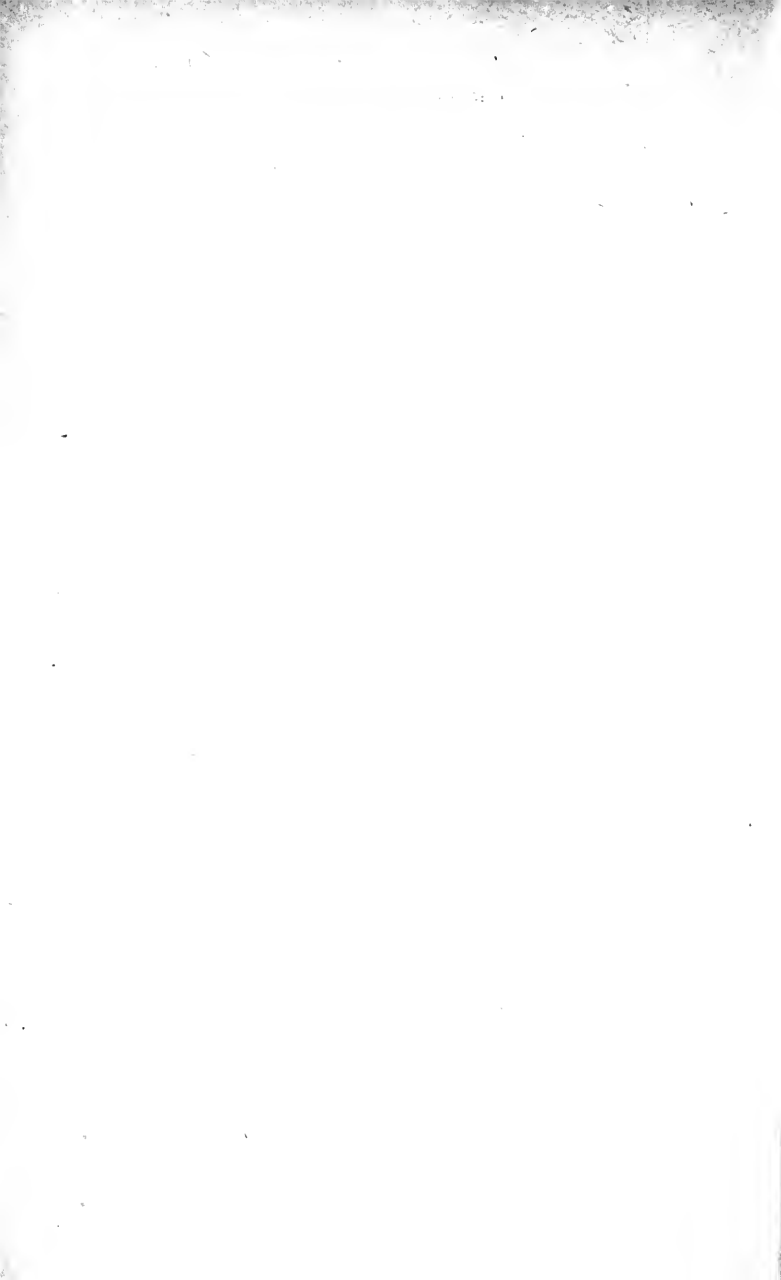
— Os anciões guardaram a palavra do chefe dos chefes? perguntou ainda Camacan.

— Ella entrou no espirito dos abarés,

como a raiz no seio da terra; observou Magé.

— Bem dito; repetiram todos.

Ubirajara saíu do carbeto; após elle os anciões se retiraram lentamente.

---

IV

# A HOSPITALIDADE

Na entrada do valle ergue-se a grande taba dos tocantins.

E' a hora em que as sombras abraçam os troncos das arvores e o sol descansa em meio da carreira.

A floresta emmudece e todos os viventes se abrigam da calma que abraza.

Ubirajara deixa o escuro da matta e caminha para a grande taba dos tocantins.

Quando chegou á distancia do tiro de uma flecha despedida pelo mais robusto guerreiro, tocou a inubia.

O guerreiro de vigia respondeu; e o chefe araguaya, quebrando a setta, alçou a mão direita para mostrar a senha da paz.

Então avançou para a taba; na entrada

da caissara, que cercava o campo dos tocantins, atirou ao chão a setta partida.

Os guerreiros, que tinham acudido ao som da inubia, deixaram passar o estrangeiro sem inquerir donde vinha, nem o que o trouxera.

Era este o costume herdado de seus maiores; que o hospede mandava na taba aonde Tupan o conduzia.

Ubirajara passou entre os guerreiros e dirigiu-se á cabana mais alta que ficava no centro da ocara.

A figura do tocano, feita de barro pintado e collocada em cima da porta, dizia que era ali a cabana do grande chefe.

Mas Ubirajara já o sabia; pois, antes de penetrar na taba, subira á grimpa do mais alto cedro da floresta para conhecer o sitio onde habitava Aracy, a estrella do dia.

A cabana estava deserta naquelle instante, mas ouvia-se a falla das mulheres que trabalhavam no terreiro.

Ubirajara transpôz o limiar, e, levantando a voz, disse:

— O estrangeiro chegou.

Acudiram as mulheres e conduziram Ubirajara á presença do grande chefe dos tocantins.

Itaquê passava as horas da ardente calma á sombra da frondosa gamelleira, que podia abrigar cem guerreiros em baixo de sua rama.

Repousando dos combates, o formidavel guerreiro não desdenhava as artes da paz em que era tão consummado, como nas batalhas.

Assim honrava as fadigas da taba; dando o exemplo do trabalho á familia de que era pai e á nação de que era chefe.

Nesse momento as mulheres collocadas em duas filas, com as mãos erguidas, urdiam os fios de algodão, passados pelos dedos abertos em fórma de pente.

Itaquê manejava a lançadeira, tão destro como na peleja vibrava o tacape. Sua mão ligeira tramava a teia de uma rêde, que entretecia das pennas douradas do gallo da serra.

Quando chegou Ubirajara, o grande chefe dos tocantins, depois de ter rematado a urdidura, entregou a lançadeira ao guerreiro Pi-

rajá, que estava a seu lado, e veiu ao encontro do hospede.

— O estrangeiro veiu á cabana de Itaquê, grande chefe da nação tocantim; disse Ubirajara.

— Bem vindo é o estrangeiro á cabana de Itaquê, grande chefe da nação tocantim.

Então o tuxava voltou-se para Jacamim, a mãi de seus filhos:

— Jacamim, prepara o cachimbo do grande chefe, para que elle e o estrangeiro troquem a fumaça da hospitalidade.

Os mensageiros já corriam pela taba, avisando os guerreiros moacaras da vinda do hospede á cabana de Itaquê.

Os moacaras, revestidos de seus ornatos de festa, se encaminharam com o passo grave á oca principal, afim de honrar o hospede do grande chefe da nação tocantim.

Ali chegados, cada um dirigiu ao estrangeiro a pergunta da hospitalidade e deu-lhe a boa vinda.

---

Depois que Itaquê offereceu a Ubirajara o cachimbo da paz, e com elle trocou a fumaça da hospitalidade, os cantores entoaram a saudação da chegada:

«O hospede é mensageiro de Tupan. Elle traz a alegria á cabana; e quando parte leva comsigo a fama do guerreiro que teve a fortuna de o acolher.

« Nas tabas por onde passa e na terra de seus pais, elle conta aos velhos, que depois ensinam aos moços, as proezas dos heróes que viu em seu caminho e de quem recebeu o abraço da paz.

« O hospede é mensageiro de Tupan. Elle traz comsigo a sabedoria; na cabana do guerreiro, que tem a fortuna de o acolher, todos o escutam com respeito.

« Em suas palavras prudentes, os anciões da taba aprendem, para ensinar aos moços, os costumes dos outros povos, as façanhas de guerras desconhecidas por elles e as artes da paz, que o estrangeiro viu em suas viagens.

« O hospede é mensageiro de Tupan. O primeiro que appareceu na taba dos avós da

nação tocantim foi Sumé, que veiu donde a a terra começa e caminhou para onde a terra acaba.

« Delle aprenderam as nações a plantar a mandioca para fazer a farinha; e a tirar do cajú e do ananaz o generoso cauim, que alegra o coração do guerreiro.

« O hospede é mensageiro de Tupan. Quando o estrangeiro entra na cabana, o guerreiro que tem a fortuna de o acolher, não sabe si elle é um chefe illustre ou o grande Sumê que volta de sua viagem.

« O sabio ensina por onde passa os segredos da paz e o heróe as façanhas da guerra; mas ambos deixam na cabana da hospitalidade a gloria de ter abrigado um grande varão.

« O hospede é mensageiro de Tupan. Por seu caminho vai deixando a abundancia e a festa; depois do banquete da boa vinda as arvores vergam com os fructos e a caça não cabe na floresta.

« A cabana, que fecha a porta ao hospede, o vento a arranca, o fogo do céo a abraza. O guerreiro, que não se alegra com a che-

gada do hospede, vê murchar ao redor de si a esposa, os filhos, as mulheres e as roças que elle plantou.

« Bem vindo seja o estrangeiro na cabana de Itaquê, o grande chefe da nação tocantim, que teve a gloria de ser escolhido pelo hospede.

« Os guerreiros exultam com a honra de seu chefe, e os cantores te saúdam, mensageiro de Tupan.»

Emquanto na cabana resôa o canto da boa vinda, Jacamim, a esposa de Itaquê, chamou as amantes do marido, suas servas, para ajudal-a a preparar o banquete da hospitalidade.

As servas pressurosas estenderam á sombra da gamelleira as alvas esteiras de palmas entrançadas de airy, e collocaram sobre ellas os urús cheios de farinha d'agua.

Trouxeram tambem os camocins rasos, onde se apinhavam as moquecas envoltas em folhas de banana e peças de carne, assada no biariby, que ainda fumegava nos pratos feitos de concha de tartaruga.

Depois suspenderam a caça mais volumosa, veados e antas, assim como as igaça-

bas de cauim, nos ramos inclinados da arvore, em altura que o braço do guerreiro pudesse alcançar.

Fructas de varias especies, pencas douradas de banana, cachos roxos de assahy, os rubros croás e os fragmentos abacaxis, enchiam o giráo levantado no meio do terreiro.

---

Jacamim conduzira o hospede á sombra da gamelleira, onde o esperava o banquete da chegada.

Ao lado de Ubirajara sentou-se Itaquê e depois os moacaras que tinham vindo para a festa da hospitalidade.

Os guerreiros comeram em silencio. As mulheres diligentes os serviam, enchendo de vinho de cajú e ananaz as largas combucas, tintas com a pasta do crajurú que dá o mais brilhante carmim.

Quando o hospede, depois de satisfeito o appetite, lavou o rosto e as mãos, Jacamim ordenou ás servas que recolhessem os restos das provisões e retirou-se com ellas.

Tambem afastaram-se os jovens guerreiros, que ainda não tinham voz no conselho. Só ficaram sentados com o hospede Itaquê e os moacaras, senhores das cabanas.

O cachimbo do grande chefe passou de mão em mão e cada ancião bebeu a fumaça da herva de Tupan, que inspira a prudencia no carbeto.

Então disse o chefe:

— Itaquê deseja dar a seu hospede um nome que lhe agrade; e precisa que o ajude a sabedoria dos anciões.

A lei da hospitalidade não consentia que se perguntasse o nome ao estrangeiro que chegava nem que se indagasse de sua nação.

Talvez fosse um inimigo; e o hospede não devia encontrar na cabana, onde se acolhia, sinão a paz e a amizade.

O chefe, que tinha a fortuna de receber o viajante, escolhia o nome de que elle devia usar emquanto permanecia na cabana hospedeira.

Foi Ipé quem primeiro fallou:

— Tu chamarás ao hospede Jutay, porque sua cabeça domina o cocar dos mais fortes

guerreiros, como a copa do grande pinheiro apparece por cima da matta.

Disse Tapy:

— Chama ao hospede Boitatá, porque elle tem os olhos da grande serpente de fogo, que vôa como o raio de Tupan.

Os moacaras, cada um por sua vez, fallaram; e como a voz começava do mais moço para acabar no mais velho, as ultimas fallas eram menos guerreiras e traziam a prudencia da idade.

Assim Caraúba, que era o segundo antes do chefe, disse.

— Itaquê, o hospede é o nuncio da paz. Tu deves chamal-o Jutorib, porque elle trouxe a alegria á tua cabana.

Guaribú, cujos annos enchiam a corda de sua existencia de mais nós do que os que tem o velho cipó da floresta, fallou por ultimo:

— O viajante é senhor na terra que elle pisa como hospede e amigo; e o nome é a honra do varão illustre, porque narra sua sabedoria. Pergunta ao estrangeiro como elle quer ser chamado na taba dos tocantins.

— Bem dito!

Itaquê, approvando as palavras prudentes do ancião, perguntou a Ubirajara que nome escolhia; este respondeu:

— Eu sou aquelle que veio trazido pela luz do céo. Chama-se Jurandyr.

Nesse momento, Aracy, a estrella do dia, appareceu por entre as palmeiras e caminhou para a cabana.

Os mais valentes entre os jovens guerreiros tocantins acompanhavam a formosa caçadora. Eram os servos do amor, que disputavam a belleza da virgem.

Os cantores saudaram de novo o hospede pelo nome que elle escolhera:

— Tu és aquelle que veio trazido pela luz do céo. Nós te chamaremos Jurandyr; para que te alegres ouvindo o nome de tua escolha.

« Tu és aquelle que veio trazido pela luz do céo. Nós te chamaremos Jurandyr; e o nome de tua escolha alegrará o ouvido dos guerreiros. »

---

De longe, Aracy viu o estrangeiro, sentado entre os anciões, como o frondoso jacarandá no meio dos velhos troncos das aroeiras.

A virgem reconheceu logo o caçador araguaya de Itaquê para disputar sua belleza aos guerreiros tocantins.

O coração de Aracy encheu-se de alegria. Seus negros cabellos estremeceram de contentamento, como as pennas do jaçanan quando presente o formoso inverno.

O estrangeiro não queria ser conhecido; pois deixara o cocar das plumas da arara, que eram o ornato guerreiro de sua nação. Mas a imagem do joven caçador ficara na lembrança da virgem, como fica na terra a verde folhagem, depois da lua das aguas.

A lei da hospitalidade prohibia á virgem revelar o segredo do estrangeiro, só della sabido. Nesse momento foi á sua alma que obedeceu e não ao costume da nação.

Quando Aracy chegou ao terreiro, os anciões se preparavam para ouvir a maranduba do hospede. Os guerreiros e as mulheres escutavam em silencio.

O estrangeiro começou:

— Jurandyr é moço; ainda conta os annos pelos dedos e não viveu bastante para saber o que os anciões da grande nação tocantim aprenderam nas guerras e nas florestas.

« O moço é tapyr que rompe a matta e vôa como a setta. O velho é o jaboty prudente que não se apressa.

« O tapyr erra o caminho e não vê por onde passa. O jaboty observa tudo e sempre chega primeiro.

« Jurandyr é moço; mas conhece as grandes florestas; e atravessou mais rios do que as veias por onde corre o sangue valente de seu pai.

« A primeira agua em que Jaçanan, sua mai, o lavou, quando elle rasgou-lhe o seio, foi a do grande lago onde Tupan guardou as aguas do diluvio, depois que as retirou da terra.

« Ainda Jurandyr não era um caçador, quando elle se banhou no pará sem fim, onde os rios despejam a sua corrente e cujas aguas, quando dormem, se mudam em sal.

« Duas vezes Jurandyr seguiu o pai dos rios, desde a grande montanha onde nasce,

até a varzea sem fim que elle enche com suas aguas.

«Elle viu o grande rio combater com o mar, no tempo da pororoca. Os dois chefes tocam a inubia antes da peleja, para chamar seus guerreiros.

«Vem de um lado as aguas do mar, são os guerreiros azues, com pennachos de araruna; vem do outro as aguas do rio; são os guerreiros vermelhos com pennachos de nambú.

«Começa a batalha. Os guerreiros se enrolam, como a corrente da cochoeira, batendo no rochedo; a terra estremece com o trovão das aguas.

«Mas o grande rio agarra o mar pela cintura. Arranca do chão o inimigo; carrega-o nos hombros; solta o grito de triumpho.

«Por muito tempo os Tetivas, que habitam sobre as arvores, vêm passar correndo as aguas do mar; são os guerreiros azues que fogem espavoridos e vão esconder-se na sombra das florestas.

«Jurandyr tambem viu a terra onde habi-

tam as mulheres guerreiras, senhoras de seu corpo, que vivem em baixo das aguas do grande rio.

«Só ellas sabem o segredo das pedras verdes, que tornam os guerreiros captivos do seu amor, sem prival-as da liberdade.

«Por isso todas as luas, grande numero de guerreiros as visitam em sua taba; e ellas guardam para os mais valentes a flôr da sua belleza.

«Quando chega o tempo de vir o fructo do amor, guardam sómente as filhas; e enviam aos guerreiros os filhos, de onde saem os maiores chefes.

«Feliz o guerreiro que acha uma terra valente e fecunda para a flôr do seu sangue. O filho será maior do que elle; e o neto maior do que o filho.

«Sua geração vai assim crescendo de tronco em tronco; e fórma uma floresta de guerreiros, onde o ultimo cedro se ergue mais frondoso e robusto, porque recebe a seiva de seus avós.»

---

Quando Jurandyr proferiu as ultimas palavras, seus olhos, que tinham muitas vezes buscado Aracy, repousaram nella.

A virgem tocantim comprehendeu que o estrangeiro se referia a si, e não escondeu sua alegria, como não escondeu sua flôr a jukery que o rio beija.

A formosa caçadora cantou. Sua voz era limpida e sonora como o gorgejo do sabiá, quando se deleita com o calor do sol.

— Feliz a terra que recebe a semente do cedro frondoso e robusto; ella se cobrirá de sombra e frescura. Os guerreiros gostarão de reunir-se ahi para falar da paz e da guerra.

« Ella é como a virgem que um chefe illustre escolheu para sua esposa e que se povôa de uma prole numerosa. As nações a respeitam porque é a mãi de valentes guerreiros; os anciões escutam seu conselho na paz e na guerra

« As mulheres guerreiras, senhoras de seu corpo, são como a palmeira de murity, que rejeita o fructo antes que elle amadureça e o abandona á correnteza do rio.

« A esposa não desprende de si o filho, sinão quando elle não chupa mais seu peito. Ella é como a mangabeira; nutre o fructo com seu leite, que é a flôr do seu sangue.

« Não é na terra das mulheres guerreiras que o estrangeiro deve buscar a esposa; mas na taba de sua nação, onde Tupan guarda para seu valor a mais bella das virgens, aquella que tem o sorriso de mel.

O hospede respondeu:

— Jurandyr sabe onde encontrará a virgem que deseja para esposa. A luz do céo o guia e nada resiste á força de seu braço.

Depois de responder ao canto de Aracy, o estrangeiro continuou sua maranduba que todos ouviram silenciosos.

Elle contou o que havia aprendido nas praias do mar, habitadas pela valente nação dos Tupynambás, descendentes da mais antiga geração de Tupy.

Os pagés dos Tupynambás lhe disseram que nas aguas do pará sem fim vivia uma nação de guerreiros ferozes, filhos da grande serpente do mar.

Um dia esses guerreiros saíram das aguas

para tomarem a terra ás nações que a habitam; por isso os Tupynambás tinham descido ás praias do mar, para defendel-as contra o inimigo.

Os guerreiros do mar tambem tinham suas guerras entre si, como os guerreiros da terra. Então as aguas pulavam mais altas do que os montes; seu estrondo era como o trovão.

Jurandyr contou mais que nas praias do mar se encontrava uma resina amarella, muito cheirosa, a qual a grande serpente creava no bucho.

Os Tupynambás faziam dessa gomma contas para seus collares; Jurandyr mostrou a pulseira que lhe cingia o artelho, presente de um guerreiro daquella nação.

Essas contas tornavam o pé do guerreiro agil na corrida e protegiam o viajante contra os caiporas da floresta, que se apartavam de seu caminho.

Muitas outras cousas referiu Jurandyr, e os anciões admiravam-se de ver o juizo prudente de um abaré no corpo joven de tão forte guerreiro.

Os mais velhos dos moacaras acreditaram que o hospede era filho de Sumé, mandado por seu pai correr as terras que o sabio tinha visto em sua mocidade.

Calaram porém seu pensamento, para o communicarem aos anciões quando se reunisse o carbeto da nação.

---

O sol já descia para as montanhas, quando terminou a festa da hospitalidade na cabana de Itaquê.

Os moacaras partiram. Itaguê, voltando á sua occupação, deixou o hospede senhor de sua vontade, para fazer o que lhe agradasse.

Vieram os jovens pescadores da taba com os anzóes e gequis saber do hospede que peixe elle preferia.

Depois delles chegaram os jovens caçadores, que antes de partirem para a floresta, vinham receber os desejos do hospede.

Por fim aproximaram-se as mulheres que já tinham rompido o fio da virgindade; mas não eram nem esposas, nem amantes de guerreiros.

Essas eram as mulheres livres, que davam seu amor e o retiravam quando queriam, mas não recebiam a protecção de um guerreiro, nem podiam jámais ser mãis da prole.

Os filhos, concebidos no proprio seio, só tinham por mãi a esposa, que o guerreiro tomou por companheira de sua existencia e raiz de geração.

O rito da hospitalidade entre os filhos da floresta manda que se dê ao estrangeiro amigo tudo que deleita ao guerreiro.

Por isso vinham as moças offerecer a Jurandyr sua belleza, para que elle escolhesse entre ellas uma companheira, que partilhasse sua rêde na cabana hospedeira.

Todas se tinham enfeitado com seus mais bellos ornatos, para agradar aos olhos de Jurandyr; pois não havia para ellas maior gloria do que a de merecer o amor do estrangeiro.

Umas traziam as tranças urdidas com pennas vistosas dos passaros de sua predilecção; outras haviam perfumado da essencia do sassafraz os cabellos soltos, que derramavam sua fragrancia ao sopro da brisa.

Chegando diante do estrangeiro, começaram uma dança amorosa para mostrar a graça de seu corpo. Aquellas que tinham a voz doce cantavam em louvor de Jurandyr.

Aracy fôra buscar seu balaio de palha vermelha, e sentara-se no terreiro, junto á porta da cabana. Seus dedos ageis enfiavam as sementes de jequerity, de que fazia um ramala para seu collo gentil.

Emquanto compunha o collar, a virgem percebia que os olhos de Jurandyr abandonavam os encantos das mulheres e buscavam seu rosto. Mas ella voltava-se para a floresta; com o trinado de seus labios chamava o crajuá, que voava no olho da palmeira. O passarinho illudido vinha cuidando ouvir o canto da companheira.

Jurandyr apartou as mulheres e disse:

As moças tocantins são formosas; qualquer dellas alegraria o somno do estrangeiro. Mas Jurandyr não veio á cabana de Itaquê para gozar do amor de uma noite; elle veiu buscar a esposa que ha de acompanhal-o até á morte e a virgem que escolheu para mãi de seus filhos.

*

Quando Aracy ouviu estas palavras cobriu-se de sorrisos, como o guajerú se cobre de suas flôres alvas e perfumadas, com os orvalhos da manhã.

Jurandyr voltou-se então para a virgem caçadora :

— Estrella do dia, Aracy, conduz-me á presença de Itaquê. É tempo que elle saiba o segredo do estrangeiro.

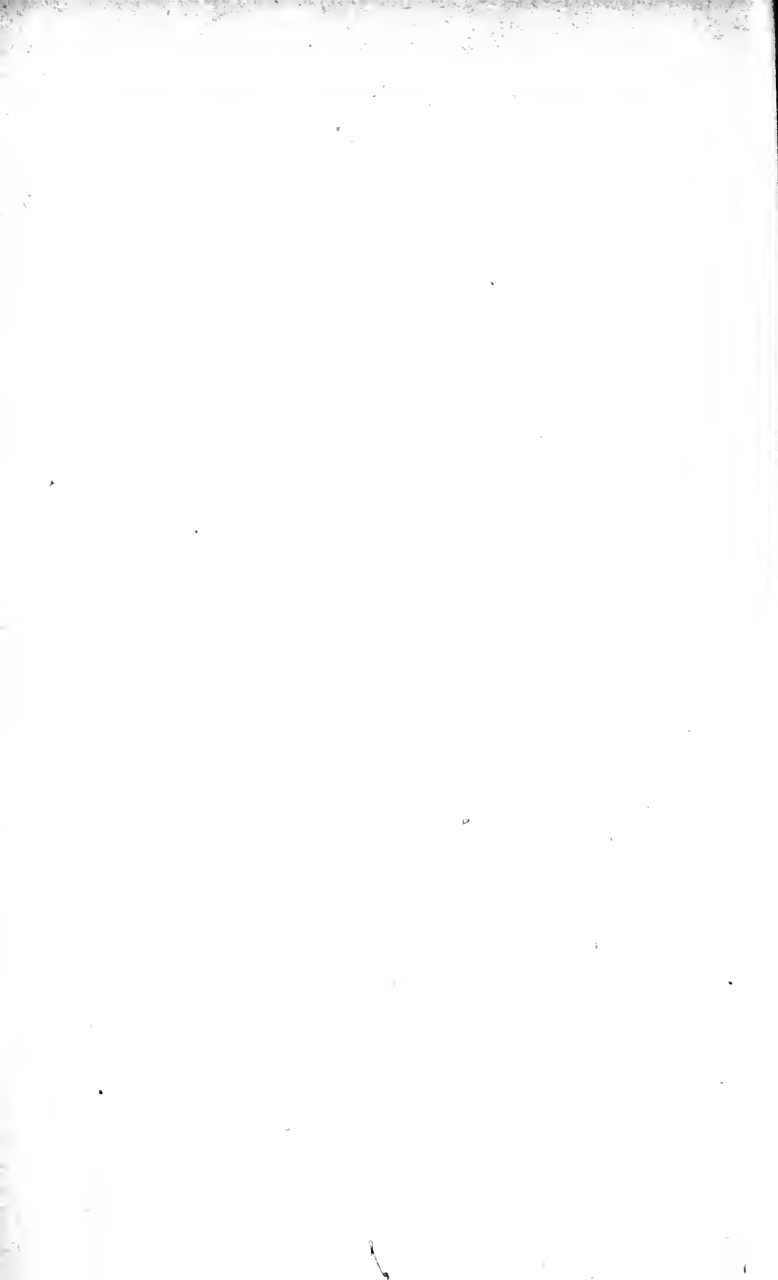
— Os sonhos disseram á Aracy, duas noites seguidas, que o joven caçador chegaria á cabana de Itaquê ; ella te esperou. Quando meus olhos te viram sentado entre os moacaras, logo conheceram que tu vinhas buscar a esposa.

O estrangeiro respondeu :

— Jurandyr chegou á taba dos seus e recebeu um nome de guerra e o grande arco de sua nação. Mas a cabana do chefe estava deserta ; e sua rêde não lhe guardou o somno tranquillo do guerreiro. Elle ouviu tua voz que o chamava, virgem tocantim, e ergueu-se, tua luz o guiou, filha do sol, e o trouxe á tua presença.

---

# V

# SERVO DO AMOR

Jurandyr, conduzido pela virgem, caminhou ao encontro de Itáquê e disse:

— Grande chefe dos tocantins, Jurandyr não veiu á tua cabana para receber a hospitalidade; veiu para servir ao pai de Aracy, a formosa virgem, a quem escolheu para esposa. Permitte que elle a mereça por sua constancia no trabalho, e que a dispute aos outros guerreiros pela força de seu braço.

Itaquê respondeu:

— Aracy é filha de minha velhice. A velhice é a idade da prudencia e da sabedoria. O guerreiro que conquistar uma esposa como Aracy terá a gloria de gerar seu valor no seio da virtude. Itaquê não póde desejar para seu hospede maior alegria.

Desde esse momento, Jurandyr não foi mais estrangeiro na taba dos tocantins. Pertencia á oca de Itaquê, e devia, como servo do amor, trabalhar para o pai de sua noiva.

Os guerreiros, captivos da belleza de Aracy, conheceram que tinham de combater um adversario formidavel; mas seu amor cresceu com o receio de perder a filha de Itaquê.

Jurandyr tomou suas armas e desceu ao rio. Era a hora em que o Jacaré boia em cima das aguas como o tronco morto; e a jaçanan se balança no seio do nenuphar.

O manaty erguia a tromba, para pastar a relva na margem do rio. Ouvindo o rumor das folhas, mergulhou na corrente, mas já levava o arpéo do pescador, cravado no lombo.

Jurandyr não esperou que o peixe ferido desenrolasse toda a linha. Puxou-o para terra; e levou-o ainda vivo á cabana de Itaquê, onde tres guerreiros custaram a deital-o no giráo.

As mulheres cortaram as postas de carne e os guerreiros cavaram a terra para fazer as grelhas do biariby.

Jurandyr partiu de novo e entrou na flo-

resta. Ao longe reboavam os gritos dos caçadores, que perseguiam a féra.

Pelo assobio o guerreiro conheceu que era um tapyr. O animal zombára dos caçadores e vinha rompendo a matta como a torrente do Xingú.

As arvores que seu peito encontrava caíam lascadas.

Jurandyr estendeu o braço. O velho tapyr, agarrado pelo pé, ficou suspenso na carreira, como o passarinho preso no laço.

Nunca até aquelle momento encontrára força maior que a sua.

Uma vez descera á lagôa para beber. A sucury, que espreitava a caça, mordeu-o na tromba. Elle fugia, esticando a serpente; e a serpente, encolhendo-se, o arrastava até á beira d'agua.

Assim tornou uma, duas, tres vezes. Mas o tigre urrou de fome. O velho tapyr disparou pela floresta; e a sacury com a cauda presa á raiz da arvore arrebentou pelo meio.

O velho tapyr rompeu a serpente como se rompe uma corda de piassaba; mas não

pôde abalar o braço de Jurandyr, mais firme do que o tronco do guaribú.

O estrangeiro tornou á cabana com a caça. Nenhum dos guerreiros da taba, nem mesmo o velho Itaquê, pôde aguentar com as duas mãos a féra bravia.

Então Jurandyr obrigou o animal a agachar-se aos pés de Aracy e disse:

— O braço de Jurandyr fará caír assim a teus pés o guerreiro que ouse disputar ao seu amor a tua formosura, estrella do dia.

---

Nunca a abundancia reinára na cabana sempre farta do chefe dos tocantins, como depois que a ella chegára o estrangeiro.

Jurandyr era o maior caçador das florestas, e o primeiro pescador dos rios. Seu olhar seguro penetrava na espessura das brenhas, como na profundeza das aguas.

Nada escapava á destreza de sua mão. Onde ella não chegava, iam as unhas de suas flechas certeiras, que rasgavam o seio da victima, como as garras do jaguar.

O estrangeiro soubera de Aracy, qual era a caça que Itaquê preferia e qual o peixe que elle achava mais saboroso. Desde então nunca o velho chefe sentiu a falta do manjar predilecto.

Si não era a lua propria do peixe desejado, Jurandyr sabia onde podia encontral-o. Não tornava á cabana sem a provisão necessaria para a refeição do dia.

Depois da caça e da pesca, Jurandyr trabalhava nas roças de Itaquê. Fazia no taboleiro os matumbos, para que Jacamim enterrasse as estacas da maniva e semeasse o feijão, o milho e o fumo.

Entre os filhos das florestas, a plantação devia ser feita pela mão da mulher, que era a mãi de muitos filhos; porque ella transmittia á terra sua fecundidade.

A semente que a mão da virgem depositava no seio da terra dava flôr; mas da flôr não saia fructo. E si era um guerreiro que plantava, a aypim endurecia como o pau de arco.

Nas vasantes do rio, Jurandyr capinava a terra coberta de relva e outras plantas e só

deixava crescer o arroz, o inhame e as bananeiras.

Quando o estrangeiro partia pela manhã, Aracy o acompanhava de longe pela floresta. Sua vontade a levava apoz elle.

O costume da taba não consentia que a virgem desejada pelos servos de seu amor preferisse um guerreiro, antes de saber si elle a obteria por esposa.

A filha de Itaquê não queria pertencer a outro guerreiro. Mas lembrava-se que a virgem deve merecer o esposo por sua paciencia; assim como o guerreiro merece a esposa por sua constancia e fortaleza.

Então voltava ao terreiro: emquanto os outros guerreiros espreitavam sua vontade, ella tecia as franjas para a rêde do casamento.

Sua mão subtil urdia com o alvo fio do crauatá a fina penugem escarlate. Os noivos cuidavam que era a do peito do tocano; mas ella sabia que era do peito da arára e que tinha as côres de seu guerreiro.

Quando o sol chegava ao cimo dos montes, ouvia-se o canto de Jurandyr que voltava

da caça. A virgem seguida pelos guerreiros ia ao encontro do estrangeiro.

Então desciam ao rio. Era a hora do banho. Aracy cortava as ondas mais linda que a garça côr de rosa; e os guerreiros a seguiam de perto, como um bando de galleirões.

Mas nenhum, nem mesmo Jurandyr, que nadava como um boto, podia alcançar a formosa virgem. Ella parecia a flôr do mururê que se desprendeu da haste e passa levada pela corrente.

Uma vez a filha das aguas soltou um grito e desappareceu no seio das ondas. Jacamim cuidou que o Jacaré tinha arrebatado a filha de seu seio. Os guerreiros mergulharam para salval-a; mas não a encontraram.

Todos a julgavam perdida, quando appareceu Jurandyr que trazia nos braços o corpo da virgem formosa. Pisando em terra, ella correu para a cabana, onde foi esconder sua alegria.

Desde então era no banho que Aracy recebia o abraço de Jurandyr, sem que os outros guerreiros suspeitassem da preferencia dada ao estrangeiro.

No seio das ondas ninguem a adivinhava a não ser o ouvido subtil de Jurandyr, a quem ella chamava com o doce murmurio do irerê.

Encontravam-se no fundo do rio, emquanto durava a respiração. Depois desprendiam-se do abraço e surgiam longe um do outro.

---

Á tarde, voltando da caça, Jurandyr viu na floresta um rasto, que elle conhecia.

Chegado á cabana, entregou a Jacamim o veado que matára e sahiu para visitar os arredores. Nada encontrou de suspeito; o rasto, que o inquietava, não chegára até ali.

No outro dia, ao romper da alvorada, logo depois do banho, os guerreiros partiram para a caça e para a pesca. Só ficaram na cabana Jacamim e as mulheres de Itaquê.

Aracy tomou o arco e entrou na floresta. A imagem do guerreiro amado fugia naquelle instante de seus olhos; elles buscaram entre as folhas o signal de seus passos e não o descobriram.

Lembrou-se a virgem que Jurandyr gostava da polpa do guaranan adoçada com o mel da abelha; e colheu os fructos encarnados que pendiam dos ramos da trepadeira.

Nesse momento a arára cantou no olho do périjá. Aracy precisava de suas plumas vermelhas, para o cocar que ella tecia em segredo.

Era o cocar do amor, com que desejava ornar a cabeça de seu guerreiro senhor, no dia em que elle a conquistasse por esposa.

A virgem armou o arco e seguiu a arára rompendo a folhagem. Quando ia disparar a setta, ouviu ao lado um rumor desusado.

Jurandyr estava perto della e segurava o braço de uma mulher, que ainda tinha na mão a macana afiada.

Aracy conheceu a virgem araguaya, pela facha de algodão entretecida de pennas, que lhe apertava a curva da perna; e adivinhou que era Jandyra a noiva do guerreiro.

— Filha de Magé, tua mão quiz matar a virgem que Jurandyr escolheu para esposa. Tu vais morrer.

— Desde que Ubirajara abandonou Jan-

dyra, ella começou a morrer, como a baunilha que o vento arranca da arvore. Acaba de matal-a; para que sua alma te acompanhe de dia na sombra das florestas e te fale de noite na voz dos sonhos.

— A virgem araguaya ameaçou a vida de Aracy; ella lhe pertence; disse a filha de Itaquê.

Jurandyr cortou na floresta uma comprida rama de imbê e atou as mãos de Jandyra.

— Jandyra é tua escrava. Não lhe dês a liberdade. Ella tem a astucia da serpente e seu veneno.

— Eu era a cobra d'agua, amiga do guerreiro, que habita sua cabana e a guarda contra o inimigo. Quem foi que me fez cascavel venenosa, que traz nos labios o sorriso da morte?

Jurandyr não respondeu. Nesse momento elle teve saudade de sua cabana e lembrou-se do tempo em que, joven caçador, seguia na floresta a formosa virgem araguaya.

---

As duas virgens ficaram sós no claro da floresta.

Já o rumor dos passos de Jurandyr se apagára ao longe e ainda tinham ambas os olhos captivos uma da outra.

Jandyra pensou que ella não podia dar a Ubirajara a formosura da filha de Itaquê. Aracy receiou que o amor do guerreiro se voltasse outra vez para a linda virgem araguaya.

A filha de Magé preparou-se para morrer á mão de sua rival, mas ella preferia a morte ao supplicio de contemplar sua belleza.

Aracy, a estrella do dia, cantou:

— O amor do guerreiro é a alegria da virgem; quando elle foge, a virgem fica triste como a varzea que perdeu sua relva.

« Por isso Jandyra está triste: o amor do guerreiro fugiu della; e a deixou solitaria como a nambú, a quem o companheiro abandonou.

« Mas o amor do guerreiro é como o orvalho da noite. Quando o sol queima a varzea, elle desce do céo para cobril-a de verdura e de flôres.

« Aracy está alegre; porque o amor do guerreiro voltou-se para ella; e Jurandyr vai fazel-a companheira de sua gloria e mãi de seus filhos.

« Quando a esposa de Jurandyr não tiver mais belleza para dar a seu guerreiro, ella consentirá que Jandyra durma em sua rêde.

« E o orvalho da noite descerá do céo para cobrir a varzea de verdura e de flôres. E Jandyra achará outra vez seu sorriso de mel. »

Assim cantou Aracy, a estrella do dia; e a virgem araguaya respondeu:

— A arvore que morreu não soffre quando o fogo a queima. Jandyra prefere a morte á vergonha de ser tua serva e á tristeza de ver a cada instante a formosura da estrangeira que roubou seu amor.

« Aracy, a estrella do dia, é mais bella do que Jandyra, mas não sabe amar o guerreiro, que a escolheu para mãi de seus filhos.

« Nunca Jandyra offereceria sua rêde de esposa a outra mulher; e aquella que recebesse o amor de seu guerreiro morreria por sua mão.

«Ella amaria seu esposo tanto que sua graça nunca se retirasse della ; pois saberia morrer quando não tivesse mais belleza para dar.

« A nação araguaya nunca levanta a taba do valle onde acampou, sinão quando a terra já não póde dar-lhe mais fructos.

« Assim é o guerreiro. Elle não retira seu amor da esposa que habita; sinão quando ella já não sabe alegrar sua alma. »

Tornou a virgem tocantim:

— A cajazeira depois que dá seu fructo perde a folha; o guerreiro busca a sombra de outra arvore para repousar.

« Mas vem a lua das aguas e a cajazeira outra vez se cobre de folhas; sua sombra é doce ao guerreiro.

« A esposa é como a cajazeira. Quando o guerreiro não acha alegria em seus braços, ella soffre que busque outra sombra e espera que lhe volte a flôr para chamal-o de novo ao seio.

« Aracy ama seu guerreiro, como Jacamim ama Itaquê. A cabana do grande chefe dos tocantins está cheia de servas; mas seu amor nunca abandonou a esposa.

«As servas deram a Itaquê muitos filhos; mas os filhos da velhice, foi só Jacamim quem os deu ao grande chefe; porque o primeiro amor do guerreiro não morre nunca.

«Elle é como a grama que nunca mais deixa a terra onde nasceu: pódem arrancal-a que brota sempre.

«Aracy quer apagar a tristeza da tua alma e beber o teu sorriso de mel, para que o esposo ache mais doces seus labios, quando os provar.

«Tu serás irmã de Aracy e lhe darás um filho de Jurandyr, tão valente, como os que seu amor ha de gerar no seio da esposa.

Jandyra afastou os olhos da virgem dos tocantins, para desviar della sua ira.

«Tua palavra dóe como o espinho da jussara, que tem o côco mais doce que o mel.

«As flechas do teu arco não matam mais do que os sorrisos que o amor do guerreiro derrama em teu rosto, estrella do dia.

«Ubirajara deixou-me por ti; mas foi a Jandyra que elle primeiro escolheu para esposa, quando ainda era joven caçador.

«Nos campos alegres, onde vão os guerreiros quando morrem, elle me chamará; e o guanumby virá buscar a minha alma no seio da flôr do manacá para leval-a a seu amor.

«Mata-me ou deixa que eu morra para não ver mais tua belleza e não ouvir o canto de tua alegria.

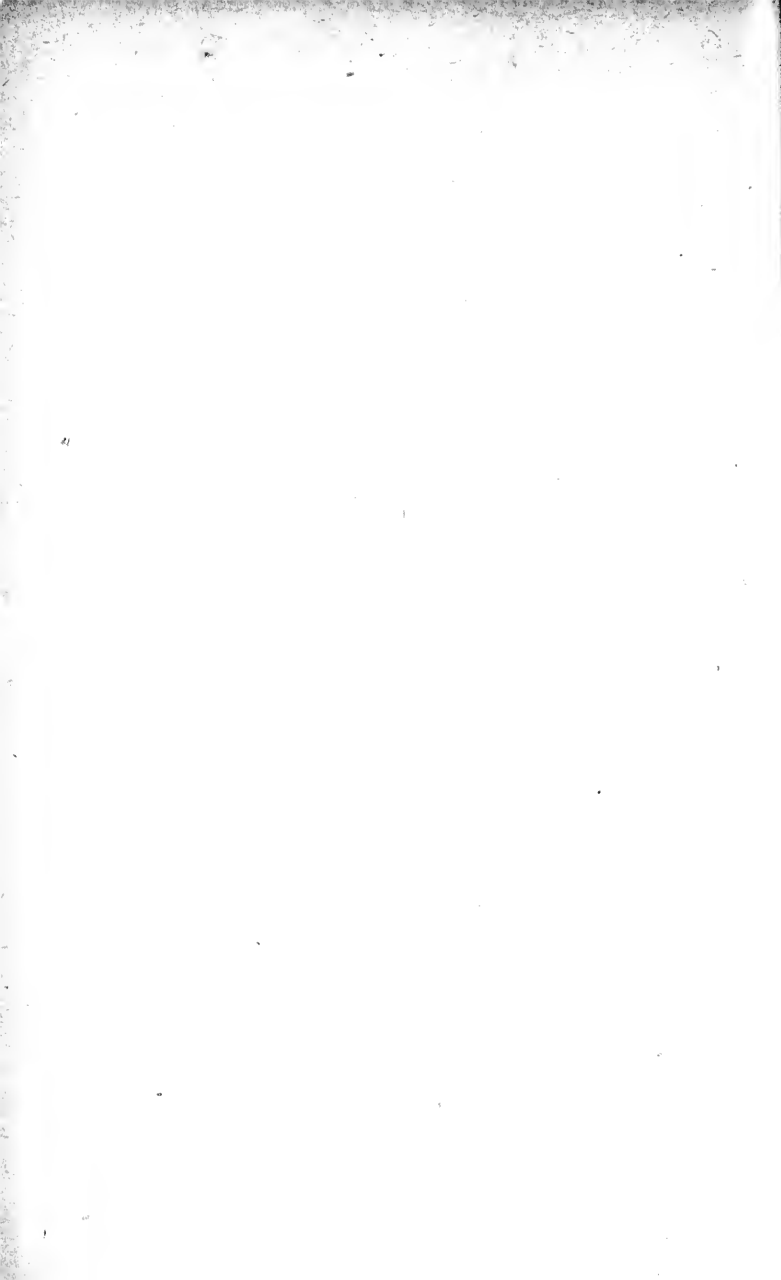
Aracy caminhou para Jandyra e desatou-lhe os pulsos.

—O amor do guerreiro não pertence á mulher que seus olhos primeiro viram; mas áquella que elle escolheu.

«Apanha teu arco; e morra aquella que não souber defender seu amor e merecer o esposo..

Aracy disse, e tirou da uiraçaba uma setta. Jandyra ficou immovel, com os pulsos cruzados, como si ainda estivessem presos.

—A vontade de Ubirajara atou os braços de Jandyra; ella rejeita a liberdade dada por ti. Aracy póde ser preferida; porém, não será mais generosa do que a filha de Magé.

---

# VI

# O COMBATE NUPCIAL

Chegou o dia, em que os noivos de Aracy deviam disputar a posse da formosa virgem.

Era a hora em que o sol, transpondo a crista da montanha, estende pelo valle sua arassoia d'ouro.

A grande nação tocantim cerca a vasta campina. No centro estão os anciões, que formam o grande carbeto.

Em frente apparece Aracy, a estrella do dia, que ha de ser o premio da constancia e fortaleza do mais dextro guerreiro.

Jacamim acompanha a filha; nesse momento remoça com a lembrança do dia em que Itaquê a conquistou, lutando com os mais feros mancebos tocantins.

De um e outro lado seguem pela ordem

da idade os moacaras. Cada um cerca-se da esposa, das servas e das filhas, que vieram para assistir ao combate.

É a unica das festas guerreiras em que o rito de Tupan consente a presença das mulheres, porque se trata de sua gloria.

Contemplando o esforço heroico dos mais nobres guerreiros para conquistar a formosura de uma virgem, as outras virgens aprendem a presar a castidade e as esposas se ufanam de guardar a fé ao primeiro amor.

Itaquê, o grande chefe dos tocantins, preside ao combate, orgulhoso pela valente nação que dirige, como pela formosa virgem, de que é pai.

Quando seus olhos admiram a multidão de guerreiros, servos do amor de Aracy, que se preparam a disputar a esposa, o grande chefe ergue a fronte soberba como o velho ipé da floresta coroado de flôres.

Os noivos se distinguem dos outros guerreiros pelo bracelete de contas verdes, que o guerreiro cinge ao pulso da esposa, quando rompe a liga da virgindade.

Lá caminha Pirajá, o grande pescador,

senhor dos peixes do rio, a quem obedece o manaty e o golphinho.

Junto delle ergue-se Uirassú, que tomou este nome do valente guerreiro dos ares, pelo impeto do assalto.

Vem depois Arariboia, a grande serpente das lagôas, Cauatá, o corredor das florestas, Cory, o altivo pinheiro e tantos outros ainda mancebos, e já guerreiros de fama.

Entre todos porém assoma Jurandyr. Sua fronte passa por cima da cabeça dos outros guerreiros, como o sol quando se ergue entre as cristas da serrania.

Os musicos fizeram retroar os borés, annunciando o começo da festa; e os servos do amor se estenderam em linha pelo meio da campina. Então os nhengaçaras levantaram o canto nupcial.

« A esposa é a alegria e a força do guerreiro. Ella acende em suas veias um fogo mais generoso que o do cauim e prepara, para seu corpo, o repouso da cabana.

« Por isso o primeiro desejo do mancebo, quando ganha o nome de guerra, é conquistar uma esposa.

« Não basta ser valente guerreiro para merecer a virgem formosa, filha de um grande chefe; é preciso a paciencia para soffrer e a perseverança no trabalho.

« Aracy, a estrella do dia, filha de Itaquê, será a alegria e a gloria do mais forte e do mais valente.

« Os filhos que ella gerar em seu seio, onde corre o sangue do grande chefe, serão os maiores guerreiros das nações. »

---

Itaquê deu o signal; o combate começou.

Pirajá foi o primeiro que saíu a campo e clamou, esgrimindo o tacape:

— Aracy, estrella do dia, tu serás esposa do guerreiro Pirajá que te vae conquistar pela força de seu braço.

Avançou Uirassú, e disse:

— A virgem formosa ama ao guerreiro Uirassú e ha de pertencer-lhe.

A noiva cantou:

« Aracy ama o mais forte e mais valente.

Ella pertencerá ao vencedor, que vencer a bravura dos outros guerreiros, como venceu a vontade da esposa ».

A voz maviosa da virgem affagou a esperança de todos os campeões; mas seus olhos ternos só viam o nobre semblante de Jurandyr, o escolhido de sua alma.

Os dois guerreiros travaram a pugna; os tacapes girando nos ares encontravam-se como dois madeiros arrojados pelo remoinho da cachoeira.

Afinal Pirajá, ameaçado pelo bote do adversario, recuou um passo do logar em que se postara. Pela lei do combate estava vencido, e teve de deixar o campo.

Arariboia tomou o seu logar; e o combate proseguiu com varia fortuna, até Cory que, expellindo o vencedor, manteve-se firme contra todos que vieram disputal-o.

Faltava Jurandyr. O estrangeiro avançou gravemente, como convinha a um grande guerreiro da nação araguaya.

Elle queria dar ao vencedor de tantos combates, o tempo preciso para descansar.

A mão do guerreiro arrastava pelo chão o

tacape, que desdenhava erguer para um combate sem gloria.

Quando Jurandyr achou-se em face do vencedor, levantou a voz e disse:

— Para merecer Aracy, a estrella do dia, Jurandyr queria vencer a cem guerreiros e não combater um guerreiro fatigado.

« Tu empunhas um tacape; toma outro; habituado a vencer, elle restituirá a teu braço a força que perdeu. Basta a Jurandyr esta mão, para te arrebatar todas as tuas victorias. »

Disse e arremessou a arma aos pés do adversario.

Cory pensando que seu rival o atacava, desfechou-lhe o golpe. Mas Jurandyr aparou-o na mão firme e arrebatando o tacape que o ameaçava arrancou o guerreiro do chão.

Assim o pinheiro que o tufão arrebata, antes de partir o tronco, desprende a raiz da terra, onde nada o abalava. Jurandyr ficou no campo. Mas todos os noivos se haviam mostrado valentes guerreiros; talvez nas outras provas saíssem vencedores.

---

Os musicos tocaram os borés; e os jovens caçadores trouxeram para o meio do campo a figura da noiva.

Era um grosso toro de madeira, no qual a mão destra de um pagé entalhára, com o dente da cotia, a cabeça de uma mulher.

Tres caçadores vergavam com o peso da carga e foram precisos dez para trazel-o desde a cabana do pagé até o campo, onde ficou semelhante a uma mulher sentada.

Na vespera o pagé burnira de novo com a folha da sambaiba o toro de madeira e o esfregára com a banha do teú para que elle escorregasse da mão do guerreiro como o lagarto da mão do caçador.

Depois os mancebos guerreiros espalharam pelo campo troncos de arvores cortadas com as ramas e as folhas; e ficaram cercas de estacas entre os barrancos da varzea que ia morrer á margem do rio.

Itaquê deu o signal; e os guerreiros começaram a nova prova, mais difficil que a primeira.

Era preciso que o guerreiro á disparada levantasse do chão, sem parar, o toro de ma-

deira; e se defendesse dos rivaes que o assaltavam para tomal-o.

Esse jogo era o emblema da agilidade e robustez, que o marido devia possuir, para disputar a esposa e protegel-a contra os que ouzassem desejal-a.

Na primeira corrida foi Jurandyr quem mais rapido chegou. Como o condor que, rebatendo o vôo, leva nas garras a tartaruga adormecida; assim o veloz guerreiro suspendeu a figura da esposa, e com ella aremessou-se pela campina.

Os outros o seguiam ardendo em impetos de roubar-lhe a presa. Na planicie aberta seria vão intento porque nenhum corria como o estrangeiro.

Mas Jurandyr achava diante de si, para tolher-lhe o passo, as arvores derrubadas, os barrancos profundos e outros obstaculos de proposito accumulados.

Não hesitou, porém, o destimido mancebo. Salvou as corcovas, galgou as caiçaras, e subiu pelos galhos que estrepavam o chão.

Uma vez os guerreiros approximaram-se tanto que Jurandyr sentiu nos cabellos o so-

pro da respiração offegante. Em frente, erguia-se a alta estacada.

Si tentasse subir carregado como estava, os guerreiros com certeza o alcançariam a tempo de arrancar-lhe a presa.

Então arremessou pelos ares o toro de madeira, como si fosse o tacape de um joven caçador; e seguiu apoz.

Sempre vencedor dos assaltos dos rivaes, Jurandyr percorreu a vasta campina e foi collocar a figura da esposa no meio do carbeto dos anciões.

Alli era o termo da correria. O guerreiro que chegava a esse ponto com a sua carga, saía triumphante da prova.

Elle mostrava como arrebataria a esposa do meio dos inimigos e a defenderia contra seus ataques até recolhel-a em um asylo seguro.

De todos os guerreiros só Cory e Uirassú conseguiram ganhar a prova; mas nenhum com a galhardia de Jurandyr.

Cory por vezes foi alcançado e só á confusão dos outros deveu escapar-se. Uirassú recuperou a presa já perdida, porque Pirajá,

que a havia empolgado, falseou na corrida e tombou.

Os tres vencedores entram de novo em campo para decidir entre si. O triumpho não se demorou. Jurandyr o arrebatou, como o gavião arrebata a presa que disputam duas serpes.

Soaram os borês; e ao som do canto de triumpho entoado pelos nhengaçaras, os chefes e os guerreiros saudaram o vencedor dos vencedores.

---

Quando voltou o silencio, Ogib, o grande pagé dos tocantins, estava em pé no meio do campo.

Junto delle uma das velhas mãis dos guerreiros, segurava o camucim da constancia, que tinha o bojo pintado de vermelho.

O pagé disse:

—Não basta que o guerreiro seja forte e valente, para merecer a esposa.

« E' preciso que tenha a constancia do varão, e não se perturbe com o soffrimento.

« E' preciso que elle tenha a paciencia do tatú e supporte sereno as mortificações das mulheres, e as importunações das creanças.

« O guerreiro que não tem constancia e paciencia, depressa gasta suas forças.

« O rio que se derrama pela varzea, nunca verá suas margens cobertas de grandes florestas.

« Assim é o guerreiro que não sabe soffrer e derrama sua alma em lamentações.

« Nunca elle será pai de uma geração forte e gloriosa nem verá sua cabana povoar-se dos guerreiros de seu sangue.

« Si queres merecer a filha de Itaquê mostra, Jurandyr, que és varão ainda maior do que o famoso guerreiro que todos admiram. »

O grande pagé levantou o tampo do camucim e descobriu uma abertura, bastante para caber o punho do mais robusto guerreiro.

Jurandyr metteu a mão no vaso. O semblante sempre grave do guerreiro cobriu-se

*

de um sorriso doce como a luz da alvorada; e seus olhos, mais contentes que dois sahis, pousaram no rosto de Aracy.

O camucim da constancia continha um formigueiro de saúvas, que o pagé havia fechado alli na ultima lua.

Açuladas pela fome de tantos dias, as formigas vorazes se preparam para dilacerar a primeira victima que lhes cahisse nas garras.

A dentada da saúva, que anda solta no campo, dóe como uma braza; quando são muitas e com fome, queimam como a fogueira.

Todas as vistas se fitaram no semblante do guerreiro para lhe espreitar o minimo gesto de soffrimento.

Mas Jurandyr sorria; e seus labios ternos soltaram o canto do amor. De proposito o guerreiro adoçou a voz, para não parecer que disfarçava o gemido com o rumor do grito guerreiro.

Assim cantou elle:

« A dôr é que fortalece o varão, assim como o fogo é que enrija o tronco da crauba,

da qual o guerreiro fabríca o arco e o tacape.

« A jussara tem settas agudas : mas Aracy, quando atravessa a floresta, colhe o côco de mel, embora a palmeira lhe espinhe a mão.

« O ferrão da saúva dóe mais do que o espinho da jussara; mas Jurandyr acha o mel dos labios de Aracy mais doce do que o côco da palmeira.

« Quando Jurandyr era joven caçador gostava de tirar a cotia da toca, embora o seu dente agudo lhe sarjasse a carne.

« O ferrão da saúva não dóe como o dente afiado; e Jurandyr sabe que o pêlo dourado da cotia não é tão macio como o collo de Aracy.

« Jurandyr despreza a dôr. Seus olhos estão bebendo o sorriso da virgem, mais suave que o leite do sapoty. Sua mão está sentindo o roçar dos cabellos da virgem formosa. »

Os anciãos deram signal para concluir a prova da constancia; mas o guerreiro continuou seu canto de amor.

« A cumary arde no labio do guerreiro;

mas torna mais gostosa a carne do veado assada no moquem.

« O cauim queima a bocca do guerreiro; mas derrama a alegria dentro d'alma.

« A saúva arde como a cumary e queima como o cauim; porém torna os beijos de Aracy mais saborosos: e o amor de Jurandyr espuma como o vinho generoso.

« Aracy ha de sorrir de felicidade, quando o filho de seu guerreiro lhe rasgar o seio.

« Jurandyr não tem corpo para soffrer, quando o sorriso de Aracy lhe enche a alma de amor. »

Foi preciso quebrar o camucim para que o guerreiro pudesse retirar a mão, de inflammada que ficara.

O grande pagé esfregou na pelle vermelha o succo de uma herva delle conhecida; e logo desappareceu a inchação.

---

Faltava a ultima prova, chamada a prova da virgem.

As outras serviam para conhecer o valor,

a destreza e robustez do guerreiro, assim como a força de seu amor.

Nesta era que a virgem podia mostrar seu agrado pelo seu vencedor; ou livrar-se de um esposo, que não soubera ganhar-lhe o affecto.

Os cantores disseram:

« Tupan deu azas á nambú para que ella escape ás garras do carcará.

« Tupan deu ligeireza á virgem, para que fuja do guerreiro que não quer por esposo.

« Mas a nambú, quando ouve o canto do companheiro, espera que elle chegue para fabricar seu ninho.

« A virgem, quando a segue o guerreiro que ella prefere, pensa na cabana do esposo e corre de vagar para chegar depressa. »

Aracy deixou a mãi e avançou até o meio do campo.

O grande pagé collocou Jurandyr na distancia de uma mussurana, que cinge dez vezes a cintura do guerreiro.

Estrella do dia lançou para as espaduas as longas tranças negras que voaram ao sopro da brisa.

Arqueou os braços mimosos, vestidos com

franjas de pennas, como as azas brilhantes do arirama, e, quando soou o signal, desferiu a corrida.

Jurandyr seguiu-a. Elle conhecia a velocidade do pé gentil de Aracy, que zombava do salto do jaguar.

Nem que pudesse alcançal-a, o guerreiro o tentaria; depois de vencedor, queria dever a esposa ao amor della e não a seu esforço.

Disputaria Aracy não só a todos os guerreiros das nações, como a todas as nações das florestas; só á vontade da propria virgem não a disputaria, pois a queria rendida e não vencida.

Mas sua gloria mandava que elle, o chefe de uma nação, se mostrasse digno da formosa virgem, que o acceitasse por esposo.

Aracy voava pela campina. Ás vezes trançava a corrida como o colibry que adeja de flôr em flôr, outras vezes fugia mais rapida do que a setta emplumada de seu arco.

Quando mostrou a todos que Jurandyr não a alcançaria nunca, si ella quizesse fugir-lhe, reclinou a cabeça para esconder o rubor.

Jurandyr abriu os braços e recebeu a esposa que se entregava a seu amor.

O guerreiro suspendeu a virgem formosa ao collo; e levou-a á cabana do amor que elle construira á margem do rio.

———

As ramas de jasmineiro e do craviri vestiam a cabana e matisavam o chão de flôres.

Aracy foi buscar a rede nupcial, que ella tecera de pennas de tocano e arára; e Jurandyr conduziu os utensilios da cabana.

Então o estrangeiro sentou-se com a virgem no terreiro, e, antes de passar a soleira da porta, revelou a Aracy quem era o guerreiro que ella acceitára por esposo.

— Aracy pertence ao grande chefe da nação araguaya. Ella teve a gloria de vencer ao maior guerreiro das florestas. Ella será mãi dos filhos de Ubirajara; e terá por servas as virgens mais bellas, filhas dos chefes poderosos.

«A palmeira é formosa quando se cobre de flôres e o vento agita as suas folhas verdes que murmuram; mais formosa, porém, é quando as flôres se mudam em fructos e ella se enfeita com os seus cachos vermelhos.

«Aracy tambem ficará mais formosa quando de seu sorriso saírem os fructos do amor: e quando o leite encher seus peitos mimosos, para que ella suspenda ao collo os filhos de Ubirajara.»

Aracy ouviu as palavras do guerreiro, palpitante como a corça; e ornou a fronte do esposo com o cocar de plumas vermelhas, que tecera em segredo.

Depois sentindo os olhos de Ubirajara, que bebiam sua formosura, ella vestiu o aimará mais alvo do que a penna da garça.

A tunica de algodão entretecida de pennas de beija flôr desce das espaduas até á curva da perna, cingida pela liga da virgindade.

Quando Aracy passava entre os guerreiros que admiravam sua belleza, ella não córava, porque sua castidade a vestia, como a flôr á sapucaia.

Mas agora, em presença do guerreiro a quem ama e para quem guardou sua virgindade, tem pejo e esconde sua formosura ás vistas de Ubirajara.

— Os olhos do esposo são como o sol, disse o guerreiro: elles queimam a flôr do corpo de Aracy.

— Aracy tem medo que os olhos do esposo não a achem digna de seu amor; e vestiu seus enfeites.

— Aracy queria ser como a jurity e ter no corpo uma pennugem macia, que só a deixasse ver em sua formosura.

«Foi por isso que tua esposa se cobriu com o seu aimará. Os olhos de Ubirajara não lhe queimarão mais a flôr de seu corpo.

O guerreiro respondeu:

— A flôr do Iguapé é mais formosa quando abre e se tinge de vermelho aos beijos do sol, do que fechada em botão e coberta de folhas verdes.

Ubirajara tomou nos braços a esposa e pôz o pé na soleira da porta.

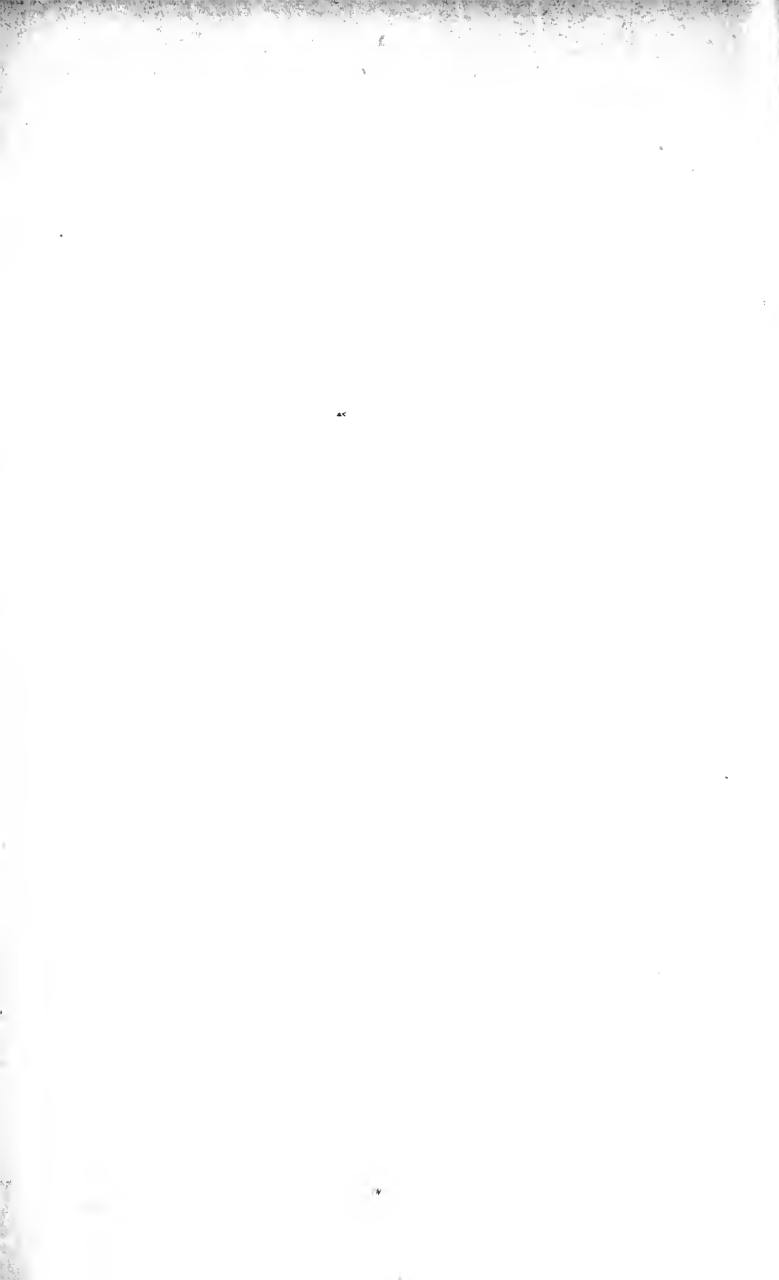
Nesse momento soou um clamor; che-

garam os guerreiros que vinham chamar o vencedor á presença de Itaquê.

O carbeto dos anciões tinha decidido que o vencedor, antes de receber a esposa, devia declarar quem era; pois fôra recebido como estrangeiro e ninguem na taba o conhecia.

---

VII

# A GUERRA

Itaquê esperava sentado na cabana e cercado do carbeto dos anciões.

Jurandyr entrou; Aracy ficou na porta, orgulhosa do esposo que a conquistara e da admiração que ella ia inspirar aos guerreiros de sua nação.

Itaquê fallou:

— Quando o estrangeiro chegou á cabana de Itaquê, ninguem lhe perguntou quem era e donde vinha. O hospede é senhor.

« Mas agora o estrangeiro saíu vencedor do combate do casamento e conquistou uma esposa na taba dos tocantins.

« E' preciso que elle se faça conhecer; porque a filha de Itaquê, o pai da nação dos tocantins, jámais entrará como esposa

na taba, onde habite quem tenha offendido a um só de seus guerreiros. »

O estrangeiro disse :

— Morubixaba, abarés, moacaras e guerreiros da valente nação tocantim, vós tendes presente o chefe dos chefes da grande nação araguaya.

« Eu sou Ubirajara, o senhor da lança ; e o maior guerreiro depois do grande Camacan, cujo sangue me gerou. Si quereis saber porque tomei este nome, ouvi a minha maranduba de guerra. »

Ubirajara contou o seu encontro com Pojucan ; o combate em que o venceu e a festa do triumpho, até o momento em que deixou a taba dos araguayas.

Terminou dizendo que no seguinte sol partiria, para assistir ao combate da morte, como promettera ao prisioneiro.

Ninguem interrompeu a maranduba de guerra. Ubirajara ouviu um gemido ; mas não soube que rompera do seio de Aracy.

Itaquê arquejou como o rio ao peso da borrasca.

—Tu és Ubirajara, senhor da lança. Eu sou

Itaquê, pai de Pojucan. Tenho em face o matador de meu filho; mas elle é meu hospede!

«Chefe dos araguayas, tu és um joven guerreiro; pergunta a Camacan que te gerou, qual deve ser a dôr do pai, que não póde vingar a morte do filho.

O grande chefe vergou a cabeça ao peito, como o cedro altaneiro batido pelo tufão.

Pojucan tinha sua taba mais longe, na outra margem do rio. Elle partira na ultima lua para rastejar a marcha dos tapuias; e voltava senhor do caminho da guerra quando encontrou Ubirajara.

Seu pai e os guerreiros de sua taba pensavam que elle buscava na floresta o caminho da guerra. Mal sabiam que a essa hora esperava prisioneiro na taba dos araguayas o combate da morte.

Anciões e guerreiros emmudeceram. Todos respeitaram a dôr do pai e não ousavam perturbal-a.

Jacamim, a mãe de Pojucan, approximara-se. O grande chefe ouviu seu gemido.

— A esposa de Itaquê não chora na presença do matador de seu filho.

Á voz do esposo, a mãe teve força para esconder no seio sua tristeza e mostra-se digna do grande chefe dos tocantins.

Ubirajara fallou:

— A vingança é a gloria do guerreiro; Tupan a deu aos valentes. Ubirajara venceu Pojucan em combate leal e aceita o desafio de Itaquê e de todos os chefes tocantins.

— Tu és meu hospede, emquanto Itaquê brandir o grande arco da nação tocantim, ninguem offenderá o amigo de Tupan na taba de seus guerreiros.

Dizendo assim, o grande chefe ergueu-se e trocou com o estrangeiro a fumaça da despedida.

— Parte. O sol que viu o estrangeiro na cabana hospedeira o acompanhará amigo; mas com a sombra da noite, mil guerreiros, mais velozes que o nandú, partirão para levar-te a morte.

Ubirajara tomou suas armas e disse:

— O hospede vai deixar tua cabana, chefe dos tocantins; tu verás chegar o guerreiro inimigo.

---

Itaquê seguiu o estrangeiro até o terreiro; em torno delle se reuniram os abarés, os moacaras e os guerreiros para assistirem á partida.

Ubirajara caminhou com o passo lento e grave até o fim da taba.

Chegado alli, tornou rapido á entrada da cabana e retrocedeu, apagando no chão o vestigio de seus passos.

A nação tocantim o observava immovel.

Por fim o estrangeiro postou-se no centro da ocara e com o formidavel tacape vibrou no largo escudo um golpe, que repercutiu pela taba como o estrondo da montanha.

— O hospede passou o limiar da cabana que o tinha acolhido e apagou seu rasto na taba dos tocantins.

« Quem está aqui é um guerreiro armado, que pisa, senhor, a taba de seus inimigos.

« Itaquê, morubixaba dos tocantins, Ubirajara, o senhor da lança, grande chefe dos araguayas, te envia a guerra na ponta da sua setta. »

Quando o guerreiro acabou de proferir

estas palavras, Itaquê levantou os olhos e viu cravada na figura do tocano, que era o symbolo da nação, a setta de Ubirajara.

Mil arcos se ergueram, mil tacapes brandiram. A voz possante de Itaquê abateu as armas de seus guerreiros.

Disse o morubixaba:

— A lei da hospitalidade é sagrada. A colera do estrangeiro não deve perturbar a serenidade do varão tocantim.

Depois voltou-se para o inimigo:

— Ubirajara, grande chefe dos araguayas, Itaquê, o pai da poderosa nação tocantim, acceita a guerra que tu lhe enviaste. Recebe em teu escudo o penhor do combate.

A corda do grande arco da nação tocantim brandiu, e a setta de Itaquê mordeu o escudo de Ubirajara.

— Vae buscar teus guerreiros e nós combateremos á frente das nações.

— Ubirajara combaterá até que lhe restituas a esposa; assim como elle a conquistou a seus rivaes, saberá conquistal-a a ti e á tua nação.

O chefe araguaya partiu. No seio da floresta encontrou Aracy que o esperava.

A formosa virgem fôra á cabana do casamento buscar a rede nupcial e preparar-se para acompanhar o esposo.

— Ubirajara parte; mas antes de cinco soes elle estará aqui para te conquistar á tua nação.

— A esposa te acompanha. Teu braço valente já a conquistou; e ella entregou-se a seu senhor. Aracy te pertence; deves leval-a.

A virgem tocantim desejava seguir Ubirajara á taba dos araguayas. Fallava em sua alma a ternura da esposa e da irmã.

Partindo, ella unia-se para sempre a seu guerreiro e esperava que o amor o moveria a salvar Pojucan.

Ubirajara pensou e disse:

— Si Ubirajara tivesse rompido a liga de Aracy, ella era sua esposa; e ninguem a arrebataria de seus braços. Mas a virgem tocantim não póde abandonar a cabana onde nasceu, sem a vontade de seu pai.

Aracy suspirou:

— Ubirajara vai deixar a lembrança de Aracy nos campos dos tocantins. Jandyra o espera na taba dos araguayas; e lhe aguarda o seu sorriso de mel.

— A luz de teus olhos, Aracy, estrella do dia, foi buscar Ubirajara na taba dos seus, onde resoavam os cantos de seu triumpho, e o trouxe á tua cabana.

«Quando elle partiu encontrou Jandyra, e para que a filha de Magé não o acompanhasse a deu a Pojucan, como esposa do tumulo.

— O goaná do lago, vôa longe, longe, para banhar-se nas aguas da chuva que alagaram a varzea; mas logo volta ao seu ninho, e não se lembra mais da moita onde dormiu.

— Ubirajara é um guerreiro: elle não aprende com o goaná do lago, que foge do perigo, mas com o gavião, grande chefe dos guerreiros do ar, que nunca mais abandona o rochedo onde assentou a sua oca.

Se Ubirajara amasse a esposa, tambem não a abandonaria. Os braços de Aracy já cingiram o collo de seu guerreiro. O tronco

não desprende de si a baunilha que se entrelaçou em seus galhos.

Ubirajara calcou a mão sobre a cabeça de Aracy:

— Itaquê respeitou a lei da hospitalidade no corpo de Ubirajara; Ubirajara não deixará a traição na terra hospedeira.

« Aracy não deve querer para esposo um guerreiro menos generoso do que seu pai. »

A virgem emmudeceu. Ella sabia que a honra é a primeira lei do guerreiro.

Antes de partir, o chefe consolou a esposa:

— Ubirajara vai pedir ao gavião suas azas para voltar ao seio de Aracy. Elle virá á frente de sua nação, conduzido pela luz de teus olhos.

« As outras mulheres são o premio de um combate entre os servos de seu amor. Aracy terá essa gloria; que ella será o premio da maior guerra que já viram as florestas. »

O chefe araguaya pôz as mãos nos hombros de Aracy; duas vezes uniu o seu ao rosto della, por uma e outra face, para exprimir que nada podia separal-os.

Quando o guerreiro desappareceu na flo-

resta, Aracy caminhou para a cabana do esposo, que ficára triste e solitaria.

A virgem fechou a porta; sentou-se na soleira e cantou sua tristeza.

---

Dois sóes tinham passado; e viera a noite.

A ultima estrella se apagava no céo, quando Ubirajara pisou os campos dos araguayas.

Sua mão robusta, vibrando a clava, feriu o trocano. A voz da nação araguaya derramou-se ao longe pelo valle, como o estrondo da montanha que arrebenta.

Com o primeiro raio do sol que subia o pincaro da serra, chegaram á grande taba os chefes das cem tabas araguayas, com todos seus guerreiros, convocados á ocara da nação.

Ubirajara mandou que Pojucan, o prisioneiro, viesse á sua presença:

— Vê o mar de meus guerreiros que enche a terra, como as aguas do grande rio

quando alaga a varzea. Elles esperam o aceno de Ubirajara para inundarem teus campos.

« A nação tocantim carece neste momento do braço de seus maiores guerreiros; vai levar-lhe o soccorro de teu valor, para que se augmente a gloria de Ubirajara, seu vencedor.

Tu és livre, Pojucan; parte e vôa, que a guerra dos araguayas te segue os passos.

O semblante do filho de Itaquê ficou sombrio:

— Pojucan é um chefe illustre; não merece esta deshonra. Tu lhe prometteste a morte dos bravos. Elle exige o combate.

O chefe araguaya contou a maranduba da hospitalidade:

— Ubirajara não sabia que Pojucan era filho de Itaquê; pois elle nunca pisaria como hospede a cabana de um guerreiro, a quem tivesse decepado um filho.

— É preciso que recuperes a liberdade para que não se diga que Ubirajara surprehendeu a hospitalidade do grande chefe dos tocantins.

Pojucan não respondeu. Elle reconhecera

que a honra de seu vencedor exigia sua volta a taba dos seus.

— Parte. Nós combateremos á frente das nações. Ubirajara pertence a Itaquê; mas depois delle terás a gloria de ser vencido outra vez por este braço.

— Ubirajara é um grande chefe e maior guerreiro. Si Tupan não consente que Pojucan seja vencedor, elle não quer maior gloria do que a de morrer combatendo Ubirajara.

Pojucan foi á cabana de seu vencedor buscar as armas. Ubirajara arrimou-se ao tacape, como o rochedo que se apoia ao tronco do ipé, e meditou.

Quando passou o chefe tocantim que voltava á sua taba, Ubirajara levantou a cabeça e disse:

— Os olhos de Ubirajara te acompanham: tu és irmão de Aracy e vaes para junto della. Dize á estrella do dia que seu esposo está com ella.

O conselho dos abarés se reunira para meditar sobre a guerra. O velho Magé, a quem irritava o desapparecimento da filha,

reparou que sem o voto do carbeto se convocasse a nação.

Veiu um mensageiro chamar o grande chefe para o carbeto. Ubirajara chegou. Antes que fallasse a voz dos anciões, o guerreiro levantou o arco e disse:

— O conselho dos anciões governa a taba e medita nas cousas da paz. Toda a nação respeita sua prudencia e sabedoria.

« Mas emquanto Ubirajara brandir o grande arco dos araguayas, tem a guerra fechada em sua mão.

« Quando elle soltar o grito do combate, a voz que fallar da paz, emmudecerá para sempre, ainda que venha da cabeça do abaré que a lua já embranqueceu.

« Quem não quizer assim, venha arrancar da mão de Ubirajara este arco que elle conquistou por seu valor. »

Os abarés estremeceram. Mas o carbeto meditou e decidiu que a maior gloria e sabedoria da nação era ter o seu grande arco de guerra na mão de um chefe, como Ubirajara.

Camacan tratou com os anciões ácerca da

defesa das tabas; e o grande chefe abriu o caminho da guerra.

---

Quando Ubirajara desdobrou sua guerra pela margem do grande rio, elle viu que uma nação tapuia preparava-se para assaltar a taba dos tocantins.

O grande chefe tocou a inubia, cuja voz chamava o joven Murinhem, primeiro dos cantores araguayas.

Correu nhengaçara á presença do grande chefe; e delle recebeu a mensagem que devia levar ao campo inimigo.

Os cantores eram respeitados por todas as nações das florestas, como os filhos de alegria; porque serviam de mensageiros entre as nações em guerra.

Elles penetravam no campo inimigo, entoando o seu canto de paz; e nenhum guerreiro ousava offender aquelle a quem Tupan concedera a fonte da alegria.

Murinhem atravessou rapido a campina e

apresentou-se em frente de Canicran, chefe dos tapuias.

— Ubirajara, o senhor da lança, que empunha o arco da poderosa nação araguaya, te manda, a ti, quem quer que sejas, e a todos quantos te obedecem, a sua vontade.

O tapuia rugiu; mas seus olhos viam o mar dos guerreiros araguayas que o cercava e na frente o grande vulto de Ubirajara, semelhante ao rochedo sombrio e immovel no meio dos borbotões da cachoeira.

— Os guerreiros de Canicran só conhecem a vontade do seu chefe; e Canicran affronta a colera de Tupan e das nações que elle gerou. Dize, mensageiro, o que pede Ubirajara ao grande chefe dos tapuias.

— Ubirajara te manda que encostes o tacape da guerra. A nação tocantim aceitou a sua flecha de desafio e elle não consente que ninguem combata seu inimigo, antes de o ter vencido.

— Torna e dize ao grande chefe araguaya, que Canicran veio trazido pela vingança. Pojucan, um dos chefes tocantins penetrou, em

sua taba e incendiou a cabana do pagé, que foi devorado pelas chammas.

« Ubirajara é um grande chefe; elle que diga si o pai da nação póde soffrer tão dura affronta. Canicran escutará voz de sua amizade.

O chefe tapuia tomou uma de suas flechas; arrancou o farpão e deu ao mensageiro a haste emplumada com as azas negras do anun, que era o emblema guerreiro da nação.

— Toma; entrega ao grande chefe araguaya o penhor da alliança.

Murinhem partiu e foi á taba dos tocantins levar igual mensagem. Itaquê escutou o que lhe mandava Ubirajara e respondeu.

— Antes que Itaquê trocasse com Ubirajara a setta do desafio, Pojucan tinha levado a guerra á taba dos tapuias.

— Canicran veio trazido pela vingança; e a nação tocantim não póde recuzar o combate. Mas Itaquê sabe honrar seu nome: si Ubirajara quer, elle combaterá juntamente os dois inimigos.

O mensageiro tornou ao campo dos ara-

guayas com as respostas dos dois chefes. Ubirajara ouviu e meditou.

— Escuta a vontade de Ubirajara para leval-a aos inimigos. O grande chefe araguaya não roubará a Canicran a gloriada vingança; elle respeita a honra da nação tapuia, mas rejeita sua alliança. Restitue o penhor que recebeste.

« Itaquê póde aceitar o combate que Pojucan foi buscar; Ubirajara não offende o nome de um guerreiro, ainda mais de um morubixaba e do pai de Aracy.

« O chefe dos araguayas não carece de auxilio para triumphar de seus inimigos: deseja que a nação tocantim derrote aos tapuias, para ter elle a gloria de vencer ao vencedor.

« Si Itaquê não póde repellir os tapuias, Ubirajara toma a si castigar os barbaros; e depois de varrel-os das florestas, combaterá as duas nações.

« Si os tocantins necessitam de alliados para resistir ao impeto dos araguayas, Ubirajara espera que Itaquê os chame e que elles venham.

« Murinhem fallará assim a um e outro chefe; a ambos dirá que a cabana onde estiver Aracy fica sob a guarda de Ubirajara; quem nella penetrar como inimigo soffrerá a morte vil do covarde.

O guerreiro deixou a voz do chefe e fallou com a voz do esposo:

— A' Aracy levarás o canto de amor de Ubirajara. Tu lhe dirás que arme a rêde nupcial e não deixe nossa cabana, emquanto Ubirajara não a fôr buscar.

« Conta-lhe tambem que o kanitar que ella teceu, ainda não deixou a cabeça de seu guerreiro e ha de acompanhal-o sempre.

---

## VIII

# A BATALHA

A um lado da immensa campina move-se a multidão dos guerreiros tocantins, de outro lado a multidão dos guerreiros tapuias.

As duas nações se estendem como dois lagos formados pelas grandes chuvas, que se trasformam em rios e atravessam o valle.

De um e outro campo levantou-se a pocema guerreira; e os dois povos arremettendo travaram a batalha.

Itaquê achou-se em frente de Canicran. Ambos se buscavam; dez vezes tinham combatido; vencedores ambos, nenhum fôra vencido.

Emquanto viverem os formidaveis guerreiros, não é possivel quebrar a flecha da paz entre as duas nações.

Era preciso que um delles morresse para

*

que o vencedor encostasse o tacape do combate e désse repouso á sua nação para reparar os estragos da guerra.

Quando os dois chefes se encontraram, os guerreiros de um e outro campo ficaram immoveis, contemplando o pavoroso combate.

Ubirajara de longe, apoiado em seu grande arco, admirava os dois guerreiros e pensava qual não seria o seu orgulho em vencel-os ambos.

Durava a peleja o espaço de uma sombra. Em torno dos chefes lastravam o chão os tacapes e escudos que tinham espedaçado aos golpes de cada um.

Immoveis no mesmo lugar, só agitavam a cabeça e os braços; semelhante a dois candores, que, de garras presas aos pincaros do rochedo, se dilaceram com o bico adunco.

Um rugido espantoso atroou pela campina, que estremeceu a batalha e rodou pelas profundezas da floresta.

Pahan, a setta, era o ultimo filho de Canicran. Ainda corumim, peleja ao lado do irmão, o guerreiro Creban, cujo hombro mal alcançava com o braço.

Elle tinha nos olhos a vista da gaivota e nas settas do seu arco, feitas de espinhos de ouriço, a velocidade e a certeza do vôo do guanumby.

Quando caçava na floresta, divertia-se em matar as motucas traspassando-as com suas flechas, que voavam mais rapidas e certeiras que as vespas venenosas.

Pahan saltara sobre os hombros do guerreiro Creban para assistir ao combate. Admirando o valor de Canicran, teve orgulho e inveja do pai.

Itaquê desfechára tão formidavel golpe, que o tacape e escudo de Canicran se espedaçára em suas mãos, deixando-o á mercê do inimigo.

O chefe tocantim arrojou-se e já sua mão descia sobre a espadua do tapuia para fazel-o prisioneiro.

O arco de Pahan sibilou duas vezes. Os olhos de Itaquê, os olhos do varão forte que nunca uma lagrima humedecera, choraram sangue.

As settas do corumim tinham vasado as pupillas do fero guerreiro, cuja vista era raio.

Assim a jandaia róe o grello do procero coqueiro.

Foi então que Itaquê soltou o rugido pavoroso que fez tremer a terra. Mas o grito de espanto sossobrou no peito dos guerreiros e rompeu em um grito de horror.

Itaquê estendera os braços, hirtos como duas garras de condor. A mão direita abarcou o pennacho e a cabelleira de Canicran, a esquerda entrou pela bocca do tapuia e travou-lhe o queixo.

Separaram-se os braços do guerreiro cego e a cabeça de Canicran abriu-se como um côco que se fende pelo meio.

Agitando no ar o craneo sangrento como um maracá de guerra, Itaquê arrojou-se contra os inimigos, buscando a morte que lhe fugia.

Quando o sol entrou, não havia na campina a sombra de um tapuia.

O velho heroe voltou á cabana conduzido por Pojucan:

— Tupan viu que Itaquê não podia ser vencido pela mão dos homens; e quiz vencel-o elle mesmo pela mão de um menino.

Quando Ubirajara viu o exito do combate, lamentou que dos dois grandes guerreiros não restasse nenhum, para que elle o vencesse.

Seus olhos descobriram Pahan que fugia no meio dos destroços de sua nação. Ergueu a mão, mas não chegou a retezar a setta.

A aguia não persegue a andorinha. Era indigno de um guerreiro, quanto mais de um chefe, empregar seu valor contra um menino.

O chefe chamou á sua presença Tubim, um dos jovens caçadores, que tinham acompanhado a guerra para prover o alimento.

Tubim tem azas de abelha; si elle alcançar o corumim tapuia que eu estou olhando, Ubirajara lhe dará o nome de Abeguar.

O joven caçador seguiu o olhar do chefe e sumiu-se num turbilhão de poeira. Quando os vagalumes começaram a luzir no escuro da matta, elle estava de volta no campo dos araguayas; e trazia o corumim fechado nos braços.

Nessa mesma noite, Tubim recebeu o nome de Abeguar, senhor do vôo, em honra da façanha que tinha realisado.

Os cantores entoaram seu louvor; e o joven caçador teve a gloria de receber os applausos dos moacaras de sua nação e de um chefe como Ubirajara.

Ao raiar da manhã, Murinhem foi á taba dos tocantins, acompanhado por vinte guerreiros que conduziam o corumim.

Quando chegou em frente á cabana do grande chefe, o cantor viu Itaquê no terreiro sentado em uma sapopema.

O guerreiro fitava os olhos no céo, onde o calor lhe dizia que estava o sol. Mas não encontrava a luz que para sempre o abandonara.

Então o velho guerreiro abaixava os olhos para a terra, como si buscasse o lugar do repouso.

Quando soaram longe os passos dos estrangeiros, o chefe alongou a fronte para ver pelo ouvido o que os olhos lhe recusavam.

Murinhem chegou e disse:

— Ubirajara envia a Itaquê o resto da vingança. Este é Pahan, o filho de Canicran.

Elle te roubou a vista; mas não salvou o pai de tua mão terrivel. Faze do corumim tapuia um mancebo tocantim; e elle será a luz de teus olhos e caminhará na frente do grande chefe para abrir-lhe o caminho da guerra.

Pahan avançou:

— O filho de Canicran jámais será escravo; nasceu tapuia e tapuia morrerá, como o grande chefe que o gerou. Emquanto o ouriço viver nas florestas, elle roubará seus espinhos para furar os olhos dos tocanos.

Itaquê pousou a palma da mão na cabeça do menino:

— O corumim que ama seu pai é filho de Itaquê. Tu és livre, Pahan; vai caçar o ouriço. Quando fôres um guerreiro, acharás cem mancebos do sangue de Itaquê para castigarem tua audacia.

O chefe voltou-se para o cantor:

— Tupan tirou a luz dos olhos de Itaquê; mas augmentou a força de seu braço. Ubirajara terá para combatel-o um inimigo digno do seu valor.

Murinhem tornou ao chefe araguaya com esta resposta.

Quando partia o cantor, chegaram á cabana de Itaquê os abarês da nação tocantim.

Os anciões sentaram-se em torno do guerreiro cego; e, bebendo a fumaça da sabedoria, formaram o carbeto.

Fallou Guaribú:

— O grande arco da nação carece de uma mão robusta para brandir sua corda; e de um olho seguro para dirigir sua setta. Itaquê é o maior guerreiro das florestas; seu nome faz tremer ao mais valente dos inimigos; seu braço fére como o raio. Mas a luz fugiu de seus olhos e elle não póde mais abrir o caminho da guerra.

O velho chefe ergueu-se com o passo tropego. Alcançando o grande arco dos tocantins abraçou-se a elle e fallou-lhe:

— Quando Itaquê te recebeu da mão do grande Jovary elle pensava que só a morte o separaria de ti, para transmittir-te a um guerreiro de seu sangue. Mas Itaquê ficou na terra, como um tronco levado pela corrente, que não sabe onde vae.

Um esguicho de sangue saltou dos buracos, onde o velho tivera os olhos. Era a lagrima que a desgraça lhe deixára.

Os abarés meditaram. Guaribú fallou de novo :

— O grande arco da nação que tu recebeste do grande Javary, teu pai, não te abandonará. Elle fica em tua mão invencivel; haverá outro arco na mão do mais valente guerreiro, que abrirá o caminho da guerra. Mas, em emquanto Itaquê viver, sua voz governará a nação que elle defendeu com seu braço.

O semblante do velho chefe cobriu-se de um sorriso, como o negro rochedo sobre o qual desliza um raio de luar.

— Pais da sabedoria, abarés, olhai aquelle jatobá que se levanta no meio da campina e que eu só posso ver agora na sombra de minha alma.

« Elle tem muitas raizes que o sustentam nos ares, tem muitos galhos que o cercam e estendem ao longe a sua rama. Mas o tronco é um só.

« As grossas raizes são os abarés que

sustentam o chefe com o seu conselho. Os galhos fortes são os moacaras que cercam o chefe e geram a multidão de guerreiros mais numerosa que as folhas das arvores. O tronco é o chefe da nação; si elle se dividir o jatobá não subirá ás nuvens nem terá forças para resistir ao tufão.

« O lugar de Itaquê é no conselho. O ultimo dente de seu collar de guerra foi o que elle arrancou da bocca de Canicran. Convocai os guerreiros e o que fôr mais forte e mais valente empunhe o grande arco da nação.

O trocano chamou a nação ao carbeto. Vieram os moacaras, conduzindo suas tribus.

O velho Itaquê contava pelos passos os guerreiros que chegavam. O grande arco da nação, que elle segurava direito, parecia um dos esteios da cabana e tinha a corda tão grossa como a da rêde do chefe.

Os mais famosos guerreiros tocantins se apresentaram para disputar o grande arco; muitos conseguiram vergal-o; mas a setta não partiu.

Itaquê escutava com o ouvido attento ; o som delle conhecido não feriu os ares.

— Onde está Pojucan ? perguntou o velho chefe.

O valente guerreiro do sangue de Itaquê estava de parte, grave e taciturno. Algum motivo o separava do arco chefe, que elle devia ser o primeiro a disputar.

— Teu filho te escuta ; respondeu.

— Empunha o arco chefe ; si ha um guerreiro tocantim que possa conquistal-o esse deve ser do sangue de Itaquê.

Pojucan recebeu o arco. Fincando nelle os pés, o guerreiro arrojou-se para traz como a giboia quando se enrista para armar o bote.

A setta partiu e foi cravar a cabeça de um chefe tapuia, fincada na estaca, á entrada da taba.

Itaquê curvara a cabeça. Elle ouviu brandir a arma ; não era porém aquelle o zunido da corda do arco, quando o vergava sua mão possante.

Pojucan, depôz o arco chefe aos pés de Itaquê e disse :

— Pojucan mostrou que em suas veias

corre o sangue generoso de Itaquê. Mas o grande arco peza em sua mão. Só ha um guerreiro na terra que o possa brandir como Itaquê; e esse não cinge a fronte com o cocar das pennas de tocano.

— Pojucan negou a Itaquê esta ultima consolação. O arco invencivel do grande Tocantim que foi o pai da nação vae sahir de sua geração. Tocantim o transmittiu a seu filho Javary, que me gerou; mas eu não soube gerar com seu sangue um guerreiro digno delles.

---

IX

# UNIÃO DOS ARCOS

Os tapuias voltaram, com elles vinha Agniná á frente de sua nação, para vingar a morte de Canicran, seu irmão.

Era grande a multidão dos guerreiros: e maior a tornavam a sanha da vingança e a fama do chefe que a conduzia.

Não eram tantos os tocantins; mas bastaria seu valor para igualal-os, si não lhes faltasse a cabeça, que rege o corpo.

A poderosa nação estava como o bando de caitetús que perdeu o pai e desgarra-se pela floresta, correndo sem rumo.

Os mais valentes moacaras, chefes das tribus, esperavam pelo grande chefe da nação, para lhes abrir o caminho da guerra.

Os abarés meditaram. Elles não podiam inventar um guerreiro capaz de succeder a

Itaquê; mas não se resignavam a abater a gloria da nação, trocando o arco invencivel do grande Tocantim por outro arco mais leve, que Pojucan manejasse.

Tambem Pojucan annunciára que não podendo brandir o arco de Itaquê, jámais empunharia outro arco chefe, menos glorioso do que o do grande Tocantim.

Abarés, chefes, moacaras, guerreiros, toda a nação se reuniu em torno do heróe cégo.

Daquelle que durante tantas luas defendera a nação com a força de seu braço e a protegera com o terror de seu nome, esperavam ainda a salvação.

O velho ouviu a voz dos abarés, a voz dos chefes, a voz dos moacaras, a voz dos guerreiros, e disse:

— Itaquê ainda póde combater e morrer por sua nação; mas sem a luz do céo, elle não póde mais abrir a seus filhos o caminho da victoria.

« O braço de Itaquê defendeu sempre a nação tocantim; quer ella ser defendida agora pela palavra daquelle, que não tem mais para dar-lhe sinão a experiencia de sua velhice?

« Pensem os abarés, os chefes, os moacaras e os guerreiros ».

Guaribú respondeu:

— A nação pensou. Falla e todos obedecerão á tua palavra, como obedeciam ao braço de Itaquê.

— A voz do coração diz ao neto de Tocantim que a gloria da nação que elle gerou não se póde extinguir. O sangue de Itaquê, passando pelo seio de Aracy, se unirá a outro sangue generoso para brotar maior e mais illustre.

« Assim a terra onde nasceu uma floresta, de acajás, recebe o limo do rio e gera nova floresta mais frondosa que a outra.

« Jacamim, chama Aracy, a filha de nossa velhice. E vós abarés, chefes, moacaras e guerreiros, segui-me. »

O velho heróe atravessou a taba guiado por Aracy.

A nação o seguia em silencio.

Quando o guerreiro cégo passava com a mão no hombro da virgem formosa que dirigia o seu passo incerto, os guerreiros lembravam-se do tronco já morto que a rama

do maracajú ainda sustenta de pé junto ao penedo.

Os cantores iam adiante; e entoavam um canto de paz.

---

Um mensageiro de Itaquê o precedera no campo dos araguayas.

Ubirajara, cercado de seus abatés, chefes, moacaras e guerreiros, veiu ao encontro do morubixaba dos tocantins.

A alma do grande chefe araguaya encheu-se de alegria de vêr Aracy; mas elle retirou os olhos da esposa, para que o amor não perturbasse a serenidade do varão.

— Ubirajara está em face de Itaquê; para combatel-o si trouxe a guerra; para abraçal-o si trouxe a paz.

— Nunca Itaquê pediu a paz ao inimigo que trouxe-lhe a guerra, antes de o vencer; nem teria vivido tanto para commetter essa fraqueza. Elle vem trazer-te a victoria para que tu a repartas com seu povo.

O velho heróe avançou o passo:

— Chefe dos araguayas, tu levaste a guerra á taba dos tocantins para conquistar Aracy, a filha de minha velhice.

« Por teu heroismo, e ainda mais pela nobreza com que restituiste a liberdade a Pojucan, tu merecias uma esposa do sangue de Tocantim.

« Mas desde que tu ameaçaste tomal-a pela força de teu braço, Itaquê não podia mais conceder-te a filha de sua velhice, sinão depois que abatesse teu orgulho.

« Elle preparava-se para te combater, e á tua nação; mas fugiu-lhe dos olhos a luz que dirige a setta da guerra; e não ha entre seus guerreiros um que possa brandir o arco do grande Tocantim. »

Quando pronunciou estas palavras, a voz do velho guerreiro sossobrou-lhe no peito:

— O arco de Itaquê é como o gavião que perdeu as azas e não póde mais levar a morte ao inimigo. As andorinhas zombam de suas garras.

« Empunha o arco de Itaquê, chefe dos araguayas e tu conquistarás por teu heroismo uma esposa e uma nação.

«Á esposa farás mãi de cem guerreiros como Itaquê; e á nação conservarás a gloria que ella conquistou quando o filho de Javary a conduzia á guerra.

«Tupan dará a teu braço esta força para que o sangue de Itaquê brote mais vigoroso e os netos de Tocantim dominem as florestas.»

Ubirajara sorriu:

—Chefe dos tocantins, teus olhos não podem ver o grande arco da nação araguaya: mas pergunta á tua mão si o arco que Camacan brandia invencivel e agora empunha Ubirajara cede ao arco de Itaquê.

O velho heróe palpou o arco chefe dos araguayas e vergou-lhe a ponta ao hombro, como si a haste fosse de taquary.

Ubirajara travou do arco de Itaquê e desdenhando fincal-o no chão, elevou-o acima da fronte; a flecha ornada de pennas de tocano partiu.

O semblante de Itaquê remoçou, ouvindo o zunido que lhe recordava o tempo de seu vigor. Era assim que elle brandia o arco outr'ora, quando as luas cresciam augmentando a força de seu braço.

O velho inclinou a fronte para escutar o sibillo de sua flecha que talhava o azul do céo. Os cantores não tinham para elle mais doce harmonia do que essa.

Ubirajara largou o arco de Itaquê para tomar o arco de Camacan. A flecha araguaya tambem partiu e foi atravessar nos ares a outra que tornava a terra.

As duas settas desceram traspassadas uma pela outra como os braços do guerreiro quando se cruzam ao peito para exprimir a amizade.

Ubirajara apanhou-as no ar:

— Este é o emblema da união. Ubirajara fará a nação tocantim tão poderosa como a nação araguaya. Ambas serão irmãs na gloria e formarão uma só, que ha de ser a grande nação de Ubirajara, senhora dos rios, montes e florestas.

O chefe dos chefes ordenou que tres guerreiros araguayas e tres guerreiros tocantins ligassem com o fio do crautá as hastes dos dois arcos.

Quando o arco de Camacan e o arco de Itaquê não fizeram mais que um, Ubirajara

o empunhou na mão possante e mostrou-o ás nações:

— Abarés, chefes, moacaras e guerreiros de minhas nações, aqui está o arco de Ubirajara, o chefe dos grandes chefes. Suas flechas são gemeas, como as duas nações, e voam juntas.

Ambas as cordas brandiram a um tempo.

A setta araguaya e a setta tocantim partiram de novo como duas aguias que par a par remontam as nuvens.

Quando calou-se a pocema do triumpho, Ubirajara caminhou para a filha de Itaquê:

— Aracy, estrella do dia, tu pertences a Ubirajara, que te conquistou pela força de seu braço. Agora que é senhor, elle espera tua vontade.

A formosa virgem rompeu a liga vermelha que lhe cingia a perna e atou-a ao pulso de seu guerreiro.

Ubirajara tomou a esposa aos hombros e levou-a á cabana do casamento.

O jasmineiro semeava de flores perfumadas a rêde do amor.

---

O outro sol rompia, quando os tapuias estenderam pela campina a multidão de seus guerreiros.

Na frente assomava Agniná a montanha dos guerreiros, ainda mais feroz do que o irmão, o terrivel Canicran.

De um lado e do outro seguiam-se os chefes, cada um á frente de seus guerreiros.

Ubirajara escolheu mil guerreiros araguayas e mil guerreiros tocantins, com que saíu ao encontro dos tapuias.

Depois que desdobrou sua batalha pela campina o chefe dos chefes caminhou só para o inimigo.

Quando chegava a meio do campo, os tapuias levantaram a pocema de guerra, que atroou os ares, como o estrepito da cachoeira.

Um turbilhão de settas crivou o longo escudo do heróe, que ficou semelhante ao grosso tronco da jussara, irriçado de espinhos.

Ubirajara embraçou o escudo na altura do hombro, e com o pé brandiu sete vezes a corda do grande arco gemeo.

As settas vermelhas e amarellas subiram direitas ao céo e perderam-se nas nuvens.

Quando voltaram, Agniná e os chefes que obedeciam a seu arco tinham cada um fincado na cabeça o desafio do formidavel guerreiro.

Enfurecidos mais pelo insulto, do que pela dôr, arremessaram-se contra o inimigo que os esperava coberto com seu vasto escudo.

Agniná era o primeiro na corrida, e o primeiro na sanha. Apoz elle vinham os outros, a dois e dois, luctando na rapidez.

Quando o esposo de Aracy viu que elles se estendiam pela campina, como dois ribeiros que se aproximam para confundir suas aguas, o herói empunhou a lança de duas pontas, e soltou seu grito de guerra, que era como o bramir do jaguar, senhor da floresta.

Seu pé devorou o espaço; e a lança de duas pontas girou em sua mão, como a serpente que se enrosca nos ares silvando.

Caíu Agniná do primeiro bote; apoz elle caíram aos dois os chefes tapuias, como caem os juncos talhados pelo dente afiado da capivara.

Então o herói soltou seu grito de trium-

pho, que era como o rugido do vento no deserto:

— Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencivel que tem por arma uma serpente.

« Eu sou Ubirajara, o senhor das nações, o chefe dos chefes, que varre a terra, como o vento do deserto. »

O heróe estendeu a vista pela campina, e não descobriu mais o inimigo, que se sumia na poeira.

Ubirajara lençou-lhe seus guerreiros, que tinham fome de vingança; porém o terror de de sua lança dava azas aos fugitivos.

Desde esse dia nunca mais um tapuia pisou as margens do grande rio.

Ubirajara voltou á cabana, onde o esperava Aracy.

A esposa despiu as armas de seu guerreiro, enxugou-lhe o corpo com o macio cotão da monguba, e cobriu-o do balsamo fragrante da embaiba.

Depois encheu de generoso cauim a taça vermelha feita do coco da sapucaia; e aplacou a sede do combate.

Emquanto nas grandes tabas se preparava a festa do triumpho, e o heróe repousava na rêde, Aracy foi ao terreiro e voltou conduzindo Jandyra pela mão.

— Aracy, tua esposa, é irmã de Jandyra. Ubirajara é o chefe dos chefes, senhor do arco das duas nações. Elle deve repartir seu amor por ellas, como repartiu a sua força.

A virgem araguaya poz no guerreiro seus olhos de corsa.

— Jandyra é serva de tua esposa; seu amor a obrigou a querer o que tu queres. Ella ficará em tua cabana para ensinar a tuas filhas como uma virgem araguaya ama seu guerreiro.

Ubirajara cingiu ao peito, com um e outro braço, a esposa e a virgem.

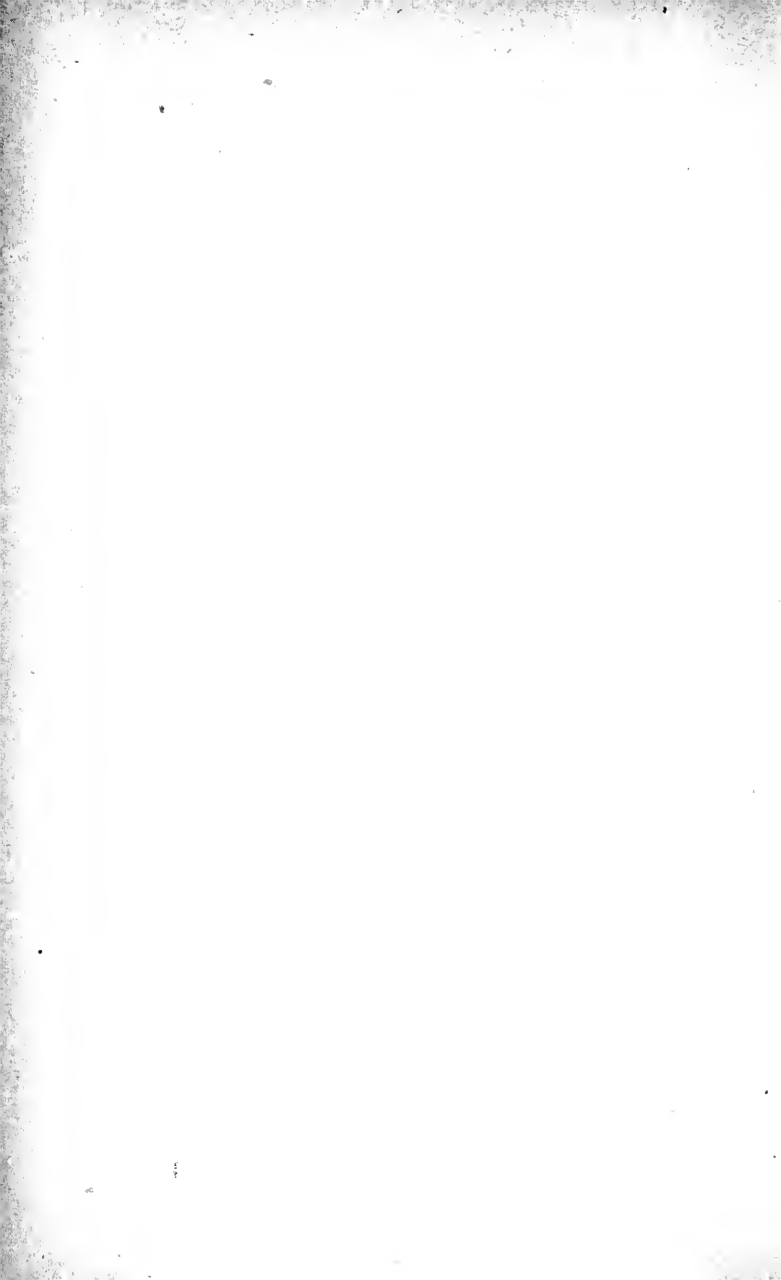
— Aracy é a esposa do chefe tocantim; Jandyra será a esposa do chefe araguaya; ambas serão as mãis dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes e o senhor das florestas.

As duas nações, dos araguayas e dos tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do heróe.

Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.

Mais tarde, quando vieram os caramurús, guerreiros do mar, ella campeava ainda nas margens do grande rio.

---

# INDICE

Catalogo de edições e obras de fundo

DA

# LIVRARIA TEIXEIRA

série de lições e conselhos práticos, para se viver feliz e ter vida longa. 1 vol. . . . . . . 1$000

**A Sciencia no Lar Domestico** — Novo guia da doceira brasileira, contendo uma variadissima e escolhida collecção de receitas de doces, por uma dona de casa, seguido do **Manual prático da arte de cosinha**, onde se encontram as melhores receitas para todos os gostos e todos os paladares das boas donas de casa, por Eduardo T. Silva. 1 vol. . . 2$000

**As Noites da Virgem** — Narrativa d'amor e de paixão, por Victoriano Palhares. Nova edição. 1 volume. . . . . . . . . . . . 1$000

**A Morgadinha dos Cannaviaes** — Chronica da Aldeia, por Julio Diniz. 1 vol. br. . . . . 2$000

**A Velhice do Padre Eterno**—Por Guerra Junqueiro. Nova edição. 1 vol. . . . . . . 2$000

---

## BIBLIOTHECA POPULAR

**Historia da Princeza Magalona** — Novissima edição. 1 vol. br. . . . . . . . . . . . $500

**Historia da Donzella Theodora,** em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição. 1 vol. br. . . . . . . . . . . . . $500

**Historia de João de Calais.** Novissima edição. 1 vol. br. . . . . . . . . . . . . . $500

**Historia do Pelles de Asno** ou a **Vida do Principe Cyrillo.** Novissima edição. 1 v. br. . . . . $500

**Historia do Grande Roberto do Diabo,** Duque de Normandia e Imperador de Roma. Novissima edição. 1 vol. br. . . . . . . . . . . . . . $500

**Historia da Imperatriz Porcina.** Novissima edição. 1 v. br. . . . . . . . . . . . . . $500

**Nova Historia do Imperador Carlos Magno** e dos **Doze Pares de França,** contendo a grande batalha que

teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu Reinaldo de Montalvão. Novissima edição. 1 vol. br. $500

**Despedida de João Brandão** a sua mulher, filhos, amigos e collegas, seguida da **Resposta de Carolina Augusta.** Novissima edição. 1 v. br. . . . $200

**Maria José** ou a filha que assassinou, degolou e esquartejou sua propria mãe, Mathilde do Rosario da Luz, na cidade de Lisboa, em 1840. 1 v. br. $500

**Disputa Divertida** das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher, por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para a pessoa que fôr casada. 1 v. br. $500

**Diccionario das Flores,** folhas e fructas ou vade-mecum dos namorados. 1 vol. . . . . $500

**Livro dos Sonhos.** 1 v. br.. . . . . . $500

**Diccionario de Nomes.** 1 v. br. . . . $500

**Cancioneiro Popular Moderno**—E' onde se encontram ás ultimas modinhas do repertorio dos afamados trovadores *Eduardo das Neves* e *Bahiano,* contendo tambem as mais lindas modinhas do *Repertorio do Mario* e uma lindissima collecção de *Modinhas e Cantos Populares Portuguezes.* 1 grosso volume de mais de 200 paginas . . . . . . . . . . . . . 2$000

**Cantôr Popular Moderno** — Completo repertorio de modinhas brasileiras, onde se encontram as ultimas de *Eduardo das Neves: O Pan Americano, A grève da Paulista, A morte do Bispo de S. Paulo, O Aquidaban, O Crime da Rua da Carioca, A gargalhada,* etc. Contém tambem as canções de grande successo *Quando o Amôr morre... Margarida já não vae á fonte, A abelha e a flôr,* e muitas modinhas, recitativos, coplas de operetas, etc. 1 volume de 130 paginas . . . . . . . . . . . . . 1$000

**Cartas de Amôr** — *Novissimo manual dos namorados.* Guia de correspondencia amorosa elaborado sobre um plano inteiramente novo e escripto expressamente

para a sociedade elegante, seguido da linguagem do lacre e telegraphia amorosa, por J. T. da Silva. 1 vol. br. 2$000, encad. . . . . . . . 3$000

**Cartas Commerciaes** — *Novo guia de correspondencia commercial,* contendo : Phraseologia commercial.—Iniciação de relações commerciaes ; offertas de serviços; acceitações e recusas; pedidos de esclarecimentos e de informações.—Circular de uns negociantes participando a abertura do seu novo estabelecimento. — Queixas, reclamações e censuras ; justificações e desculpas; faltas de noticias.—Pedidos de fazendas; ordens e avisos de compras; avisos de expedições e de recepção de mercadorias; cartas de transporte.— Pedidos de dinheiro ; fórma de pagamento ; remessas e accusações de recebimento.—Dissoluções de sociedades e trespasses; renovação de relações interrompidas ou esfriadas. — Avisos de saques; ordens de pagamento e obrigações de divida, recusa a acceitação de letras; faltas de pagamento ; pedidos e remessas de preços e contas correntes; remessas de letras para negociar.—Fallencias, revezes e concordatas; seguros maritimos e terrestres; avarias, naufragios e arribadas. — Cartas de recommendação, abertura de credito e de apresentação.—Diversas.—Nova edição seguida de um *Formulario Commercial.* 1 volume br. 2$000. Enc. . . . . . . . . . . 2$500

**Cartas Familiares**—*Novissimo Manual epistolar* contendo a melhor e mais completa collecção de *cartas de boas-festas,* dias de annos, parabens e respectivas respostas.—*Cartas de pedido em casamento* e de convites para a cerimonia.— *Participações de casamento* e outras cartas sobre o mesmo assumpto. *Cartas de participação de nascimentos,* convites para baptisados e outras sobre o mesmo assumpto. — *Cartas de condolencias e pezames;* respostas a estas cartas.—Participações de fallecimentos e pezames. *Cartas* de recom-

mendação, de empenho, de solicitação, de escusa e desculpa; respostas a estas cartas.—*Cartas de despedida,*—de convite,—de louvor e de offerecimento. 1 vol. br. 2$000. Enc. . . . . . . . . . 2$500

**Codigo Penal**—Da Republica dos Estados Unidos do Brasil e jurisprudencia referente, por Hyppolito de Camargo. 1 vol. br. 2$000, enc. . . . 3$000

**Consultor Eurematico**—Por Antonio Augusto Botelho. Incontestavelmente é de grande utillidade o livro que, sob o titulo acima, acaba de publicar o sr. Botelho, antigo serventuario dos officios de justiça na comarca de Limeira. E' de grande utilidade, dizemol-o, não só para os que labutam no fôro, mas para todo o *homem de negocios*. Quantos actos invalidos, que infinidades de prejuizos, tão simplesmente, não raro, pela inobservancia de certos neuremas, que constituem a vida juridica dos contractos? Não basta o jurista conhecer o *direito* applicavel aos interesses do seu constituinte; é necessario dar-lhe corpo, darlhe vida, modelando-lhe a *formula,* com que se torne realidade. D'ahi a importancia dos formularios. E quando estes, como o « Consultor Eurematico », a par das simples formulas, nos ministra tambem, com bastante verdade e clareza, os ensinamentos basicos que devem presidir a todos esses actos juridicos, incontestavelmente teem preenchido um duplo fim, poupar-nos tempo e trabalho de rever a legislação applicavel, bem como de redigir ou minutar a formula correspondente. E isto, não é pouco. Em tres partes divide-se o livro do sr. Botelho:—na 1.ª trata *dos instrumentos publicos em geral, suas especies, requisitos e traslados, da natureza e clausula da maior parte dos contractos, filiação, emancipação, testamentos, partilhas, quitações;* na 2.ª expõe a *organisação existente ácerca dos serventuarios de justiça, especialmente dos escrivães do judicial, notas e registro de hypothe-*

*cas;* na 3.ª parte, finalmente, apresenta um vasto e completo repositorio de formulas officiaes, para instrumentos de actos juridicos e termos judiciaes. 1 volume enc. . . . . . . . . . . . . 15$000

**Diccionario das Flores**—Folhas e fructos e objectos mais usuaes, com suas significações, ou Vademecum dos Namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 vol. . . . . . . . . . . $500

**Diccionario de nomes proprios** — Offerecido ás mães de familia, contendo mais de 2:500 nomes de baptismo. Nova edição, accrescentada por J. Vieira Pontes. 1 vol. . . . . . . . . . . $500

**Educação Civica** — Por Mario Bulcão. 1 vol. cartonado . . . . . . . . . . . . . . $500

**Elementos de Physica** — Por João Corrêa dos Santos. Livro adoptado nas escolas normaes e gymnasios do Brasil. 1 vol. cartonado . . . 6$000

**Encyclopedia do Amor** — Continuação dos preciosos estudos scientifico-privados do distincto medico Dr. Krauffmann. Todos devem adquirir este volume, devido aos salutares conselhos ás damas e cavalheiros descriptos d'uma fórma simples e sem immoralidade. *Summario :* Attractivos e seducções ; Prazeres do Amor ; Amor por suggestão ; Adulterio, suas causas e consequencias; Amor fecundo e amor esteril ; Instinctos e aberrações ; Hygiene secreta do homem e da mulher ; Honestidade e infidelidade ; A mulher intima ; Excessos conjugaes, etc. Um volume com elegante capa . . . . . . . . . . 1$000

**Estudo de Anthropologia** — Pelo Dr. Carlos Sampaio. 1 vol. . . . . . . . . . . . 2$000

**Historia Patria** — Resumo para o curso preliminar, pelo professor Antonio Mendes da Silva, 2.ª edição. 1 vol. cart. . . . . . . . . . . 1$000

**Letra de Cambio** — E a Nota Promissoria. Novis-

vissima lei (decreto n. 2044 de 31 de Dezembro de 1908) seguida de um modelo. 1 vol. . . . 1$000

**Livro de S. Cypriano** — Unica edição completa dividida em CINCO partes num só volume, contendo: O thesouro completo do magico e do feiticeiro; a vida de S. Cypriano, segundo o Flos Santorum; o novo modo de ligação com todos os espiritos tenebrosos; o novo modo de deitar as cartas, com as competentes figuras; as diversas fórmas de chamar e expulsar maleficios; explicação do poder e maneira de usar a Cruz de S. Bartholomeu. Feiticerias preparadas por meio de cartas diabolicas. Exorcismos para afugentar o demonio. Maneira de ligar e desligar namorados. Orações das horas abertas. Modo de ler as sinas. Segredos para ser feliz. Artes de desencantar thesouros. Magicas preta e branca do Livro do feiticeiro. Um tratado de cartomancia e tudo que tem relação com os espiritos occultos, e o modo de fazer toda qualidade de feiticeria, segundo S. Cypriano, a arte de evocar os espiritos; as sciencias occultas, e a verdadeira revelação dos sonhos. Nova edição organisada por J. Pontes. (Unica edição verdadeira). 1 grosso volume . . . . . . . 3$000

**Lyra das Creanças** — Lindissima collecção de comedias, poesias, monologos, cançonetas, scenas comicas, diálogos, sonetos, recitativos, etc., para creanças de 3 a 12 annos, dos mais festejados autores brasileiros e portuguezes, cuidadosamente organisada por *J. Vieira Pontes. 7 — lindissimas cançonetas — 7 com as respectivas musicas para PIANO e CANTO, promptas a executar. Verdadeira novidade!* Um volume de 320 pag. com linda capa a 5 côres 3$000

**Lyra Popular Brasileira** — A mais completa e mais bonita collecção de modinhas, recitativos, lundús, canções, duettos e poesias, contendo as mais bellas modinhas do repertorio dos conhecidos trova-

dores ***Eduardo das Neves, Bahiano, Mario*** e ***Catullo Cearense,*** sempre cantadas com extraordinario successo. Alem d'isso contém ainda uma preciosa collecção de ***Recitativos*** proprios para reuniões e festas familiares. 4.ª edição, completamente melhorada, e augmentada, cuidadosamente organisada por ***José Vieira Pontes.*** Attendendo ao enorme exito obtido com as tres primeiras edições desta obra, resolvemos fazer a 4.ª edição que sae agora a lume, consideravelmente melhorada com novas producções dos melhores poetas brasileiros e portuguezes, producções que não haviam sido ainda publicadas e que sem duvida constituirão o mais seguro e legitimo successo que está destinado a este livro. 1 volume de mais de 350 paginas, com uma bellissima capa a tres cores . . . . . . . . . . . 3$000

**Lyra Theatral** — Escolhida collecção de monologos, cançonetas, scenas-comicas, poesias, duettos, comedias, etc., etc., dos melhores autores, cuidadosamente coordenada por J. VIEIRA PONTES. Livro indispensavel a todos os actores e amadores dramaticos. 1 vol. br. 3$000, enc. . . . . . . 4$000

**Lyra do Trovador**—Lindissima collecção de modinhas brasileiras. Nova edição enriquecida com as ultimas modinhas de repertorio dos applaudidos trovadores **Eduardo das Neves** e **Mario.** Entre outras as seguintes : ***A casinha pequenina, O meu mysterio, As doneidades, O meu ideal,*** a linda canção portugueza ***O balancé da neve pura,*** e muitas outras. Coplas de operetas, revistas, monologos, recitativos, etc. 1 vol. de 130 paginas . . . . . . . . . . . . . . 1$000

**O Guarany** — Notavel romance de José de Alencar. Nova edição illustrada com gravuras. 1 vol. . . . . . . . . . . . . . . 2$000

**Oraculo** — Maravilhoso livro que prediz o futuro, por uma fórma infallivel e até hoje ignorada, e que

o famoso general **Napoleão I** sempre consultava, antes de levar a effeito qualquer das suas grandes emprezas. **Unico livro no seu genero! Grande successo de livraria!** 1 volume . . . . . . . . 1$000

**Orações e Rezas** — Dos santos patrocinadores do bom christão, contra todos os males. 1 vol. 1$000

**O Coração das Mulheres** — Continuação dos preciosos trabalhos psychologicos do **Dr. Krauffmann.** *Summario:* Inclinações; Caprichos; Subtilezas femininas; Provocações; A meiguice na mulher; Genios irasciveis; Mulheres indignas; Solteiras, casadas e viuvas; Namoros e paixões; A mulher ideal, etc. E' um livro escripto especialmente para as damas, que poderão ler sem escrupulo de consciencia. Neste livro poderão tambem os cavalheiros estudar os mysterios do coração feminino. Um elegante volume. 1$000

**Os Homens da Cruz Vermelha** — Grande romance historico, por Carlos Pinto d'Almeida. 4 volumes illustrados. . . . . . . . . . 10$000

**O Segredo do Poder** — Uma serie de lições de hypnotismo e magnetismo pessoal, de influencia physica, do poder do pensamento, de concentração, de energia e de conhecimento prático das forças da alma, por Alberto N. Correia. 1 volume . 1$500

**O verdadeiro livro dos sonhos** — ou o éco da fortuna. Composto pelo systema rutilano, contendo sessenta mil vocabulos postos em ordem alphabetica e relativos a pessoas, animaes, plantas, fructas, flores, artes, e exercito de terra e mar, augmentado com as verdadeiras tabellas rutilianas, a cabala da Sibila, e outras muito uteis aos jogadores. 1 volume de mais de 600 paginas. . . . . . . . 5$000

**Poesias Eroticas e Burlescas** — Por Manoel Maria Barbosa du Bocage. Nova edição. 1 vol. 2$000

**Processo e Julgamento de Guerra Junqueiro** — Da sentença que o condemnou por offensas ao Rei

Guerra Junqueiro é levado aos tribunaes. Elle proprio faz a sua defesa. Defesa brilhante, pelo Dr. Affonso Costa. 1 volume . . . . . . . 1$000

**Saúde, Energia e Riqueza** — PELO MAGNETISMO. Tratado completo de magnetismo, hypnotismo, suggestão, cura pelo somno, etc., pelo Dr. W. Glück, traducção auctorisada pelo auctor sobre a 58.ª edição alleman. 1 volume . . . . . . . 1$000

**Secretario e Conselheiro dos Amantes** — Contendo variados modelos de cartas amorosas, interessantes sortes de amor, telegraphia dos amantes, linguagem das flôres e dos leques, modo de marcar as horas por meio de plantas, emblema das côres e um album de poesias amorosas, pensamentos sobre o amor, etc., etc. NOVA EDIÇÃO consideravelmente melhorada e augmentada por J. Vieira Pontes. 1 volume de 130 paginas. . . . . . . . 1$000

**Secretario Moderno** — Novo manual de correspondencia familiar e commercial, contendo a mais completa collecção de modelos de cartas sobre todos os assumptos familiares e commerciaes, por J. T. Silva. 1 volume cartonado. . . . . . . 4$000

**Segredos do Casamento** — Estudos scientifico-privados, feitos nos recentes trabalhos psycologicos do distincto medico analysta **Dr. Krauffmann.** Obra escripta sem immoralidade, numa linguagem facil, estudos levados da boa vontade de instruir todos os que desejam contrahir matrimonio. *Summario:* Arte de amar; Corpo masculino; Corpo feminino; *Segredos do leito conjugal; A noite do casamento;* Segredo da voluptuosidade; Prazer sensual; Conselhos ás noivas; Arte de ser bonita; Viciosos, etc. Um elegante volume impresso em bom papel, com elegante capa . . . . . . . . . . . . . . 1$000

**Selecta Nacional** — 1.ª Parte — Litteratura — por F. Julio Caldas Aulete. 1 volume enc. . . . 2$500

**Tragedia Infantil** — Por Guerra Junqueiro. 1 volume . . . . . . . . . . . . . $500

**Trovador Popular Moderno** — E' onde se encontram as ultimas modinhas dos populares trovadores EDUARDO DAS NEVES e BAHIANO, taes como: *O Rouxinol, A casa branca da Serra, Sempre sentado, Nair, Accorda Adalgisa, Rebola a bola, Ora vai tu, Pegue na espada e faça como eu,* e muitas outras. 1 volume de 130 paginas. . 1$000

**Theatro das Creanças** — Lindissima collecção de peças infantis, para creanças de 6 e 12 annos, muito proprias para collegios e festas familiares. Comedias, monologos, poesias, diálogos, recitativos e — *4 lindissimas cançonetas, 4* — com as respectivas musicas para *piano e canto,* promptas a executar. *Verdadeira novidade!* Cuidadosamente organisada por J. Vieira Pontes. Um grosso volume com bonita capa. 3$000

---

JOSÉ DE ALENCAR

# UBIRAJARA



## LENDA TUPY

S. PAULO
C. TEIXEIRA & C.a — EDITORES
8—RUA DE S. JOÃO—8
1913